

DUNSHEE DE ABRANCHES



*As seu prezoso e
eminente amigo,
Dr. Urbano Santos,
homem de grande
estima e alta ad-
miração*



A. B. C.

E A

POLITICA AMERICANA

autor

Rio 1815.



*7-30021
e-30024*

Rec

IMPRESA NACIONAL

RIO DE JANEIRO — BRAZIL

1915

4419

DISCURSO

pronunciado na Camara dos Deputados, na sessão de 6 de outubro de 1915, ao ser discutido o Tratado de 25 de maio entre o Brazil, a Republica Argentina e o Chile, por

DUNSHEE DE ABRANCHES

representante do Estado do Maranhão e antigo Presidente da Comissão de Diplomacia e Tratados durante a gestão do Ministerio das Relações Exteriores pelo BARÃO DO RIO-BRANCO * * * * *

A'

MEMORIA

DO

BARÃO DO RIO-BRANCO

O

AUCTOR.



CAMARA DOS DEPUTADOS

Sessão de 6 de outubro de 1915

O Sr. Dunshee de Abranches (*movimento de attenção*)—
Sr. Presidente, si, em dynamica social, ha leis immutaveis para um grande numero de phenomenos que se apreciam na collectividade, dando ás nações em conjuncto signaes muito approximados, não bastam, todavia, para impedir que cada povo tenha a sua physionomia particular na historia ou se especialize por uma caracteristica original, que tire á evolução das massas humanas a monotonia da hereditariedade e do uso — os dous mais poderosos elementos que tendem sempre a fazer voltar o individuo como a sociedade ao seu typo primitivo de origem.

Através de todas as phases da formação historica de nossa Patria, como paiz independente, o que sempre a tem distinguido no concerto do mundo civilizado, impondo-a ao respeito, á sympathia e á confiança das outras nações, tornando-a o arauto abnegado e muitas vezes providencial da paz, da ordem e da concordia entre as Republicas irmãs do continente e destacando-a sempre como a sentinella avançada das liberdades sul-americanas, é a linha inquebrantavel e superior da sua politica internacional. (*Muito bem.*)

Mudaram-se mais de uma vez as instituições. O primeiro reinado bem pouco se pareceu com o segundo. A Regencia teve os seus dias terriveis de agitação e de desordem. Pelejas cruentas a enlutaram entre discordias civis impiedosas e desastradas contendas externas. Desdobraram-se tumultuarias e apaixonadas as campanhas asperrimas pela Abolição e pela Republica. Houve o desequilibrio brusco da mudança de systema de governo. Aos desvarios e inexperencias da Junta Revolucionaria de 15 de Novembro sobrevieram os levantes militares, a guerra civil, os golpes de estado e de caudilhagem, o dominio dos corrilhos, as pilhagens dos serções, os assassinatos politicos e toda a sorte de calamidades economicas e sociaes. Tudo se modificou ou se pretendeu refundir, reorganizar ou destruir para fazer de novo ou novamente derrubar.

Uma só cousa ficou de pé, intangivel e immacula, patrimonio sagrado de perto de noventa annos de um trabalho seguro, seguido e fecundo de sabedoria, previdencia e cautela, segredo talvez unico de toda a nossa vida continental, desde a formação da nossa nacionalidade com a independencia á consolidação da nossa unidade politica no Segundo Imperio, obra portentosa, que todos os erros e vicios de origem da Federação não puderam abalar: foi a tradição da

nossa diplomacia, sempre a mesma nos seus principios eminentemente liberaes, imperterrita sempre na defesa da autonomia e integridade dos povos mais fracos da America e jámais receiando os mais fortes, quando se sentia encastellada no direito e na razão, ou lutava pelos altos destinos ou pelos interesses superiores do Brazil no concerto das nações civilizadas. (*Muito bem; muito bem.*)



I

A directriz secular

E' esse espirito tradicional que, como já demonstrámos uma vez, desta tribuna, em todas as épocas da nossa existencia nacional, tem invariavelmente inspirado os nossos grandes homens de Estado. Espirito tradicional que, ao despontar do primeiro reinado, irrompeu ousado, sagaz e reflectido no maior de todos os Andradas, assegurando-nos a libertação geographica no continente e dando-nos audacias bastantes para lutar junto ás grandes potencias, com plenipotenciarios que fallavam em nome de velhas allianças e de seculares amizades. Espirito tradicional que animava Caravellas a vibrar o primeiro golpe nas clausulas perpetuas dos pactos leoninos que, por mais de quarenta annos, ainda nos haveriam de economicamente escravizar. Espirito tradicional que, um dia, já evitára que uma primeira curva, como essa com que mais tarde deixamos scindir as aguas da Lagôa-Mirim, tivesse o raio alongado até as cochillas altivas do Rio Grande do Sul.

Espirito tradicional que repelliria depois a divisa sinuosa, com que se nos pretendeu arrebatrar as Missões e justificar, afinal, a monstruosa parábola com que se sonhava chegar ainda, por sobre as florestas olympicas do Amazonas, até ás vizinhanças de Manáos. Espirito tradicional que em 1825, já nos fazia sustentar, quanto aos bloqueios e aos neutros, os principios liberaes que, ha poucos annos agora, a Conferencia da Paz viria sancionar e enaltecer. Espirito tradicional que soube para sempre manter entre nós a unidade da patria e conter a caudilhagem para além das fronteiras, através mesmo das lutas porfiadas da Regencia e da Maioridade. Espirito tradicional que, ao florescer do segundo reinado, consolidaria a nossa grandeza politica e ascendencia moral na America do Sul com Paraná, Abaeté, Pimenta Bueno, Uruguay, Octaviano e Cabo Frio, ao mesmo tempo assegurando a integridade territorial e a autonomia dos povos circumvizinhos. Espirito tradicional que, ao primeiro Rio-Branco, primeiro tambem entre os nossos diplomatas, quando a injustiça dos homens já começava a immortalizal-o em vida, accusando-o de haver sacrificado a dignidade da Patria no convenio de 20 de fevereiro, fazia dizer em dia memoravel que «acima do ministerio estava o Brazil». Espirito tradicional que dava a Cotegipe energias e sagacidade incomparaveis para salvar em Assumpção, com os mais altos interesses da Patria, a independencia do Paraguay, impedindo que este desaparecesse dos mappas. Espirito tradicional que, aqui, emprestava braço forte á Bolivia em situação de quasi extremo desespero; alli, defendia a Argentina em crise aguda e formentosa: e, lá mesmo ainda, salvava duas vezes o Uruguay do aniquilamento e do opprobrio de deixar de ser a altiva Cisplatina, de que tanto se orgulhava o primeiro imperio, para se tornar a mais opprimida

das provincias do sempre mallogrado vice-reinado do Prata. Espirito tradicional que jámais teve um recuo ou uma derrota; foi sempre a arca santa dos nossos triumphos internacionaes; tem feito o Brazil a cada instante amparar os mais debeis e amparou-o sem cessar ás investidas dos mais poderosos; assistiu inquebrantavel e sereno a todas as nossas contendas intestinas; não se alterou mesmo com a mudança do regimen; passou intacto do Imperio para a Republica; escreveu com o segundo Rio Branco as paginas memoraveis das Missões e do Amapá; teve o seu ponto culminante de glorias no tratado de Petropolis e glorificou culminantemente o Brazil na ultima conferencia da Haya. (*Applausos.*)



II

A obra de Rio Branco

Sr. Presidente, esse espirito tradicional, que ainda ha poucos dias era tão malsinado por um dos grandes orgãos da imprensa desta Capital, não poderia ser de certo alterado por um estulto amor proprio ou indesculpavel imprevidencia do actual Ministro das Relações Exteriores, homem culto, prudente e atilado, maxime neste confuso e perigoso momento historico que atravessa a politica internacional em todo o mundo civilizado.

Ao assumir o seu alto posto, o eminente Sr. Lauro Müller teve mesmo a nobre franqueza de modestamente confessar a sua pouca experiencia dos nossos negocios diplomaticos, o que aliás tem desmentido na pratica, e solemnemente comprometteu-se a não se desviar das grandes linhas que haviam sido traçadas á nossa acção exterior pelo extraordinario patriota e incomparavel estadista a quem succedera no Itamaraty e já todo o Brazil houvéra glorificado na gratidão nacional.

A sua tarefa mesmo era simples. Rio-Branco cerrara os olhos no momento preciso em que acabava de concluir as nossas questões de fronteira e assegurar uma politica de paz fecunda e geral confraternização no continente.

Essa obra portentosa, realizada em dez annos de ininterrupto e sabio labor patriótico, é sem duvida uma das mais admiraveis que a historia contemporanea poderá registrar.

Quando se iniciou, em 1902, o quadriennio aureo do benemerito Presidente Rodrigues Alves, a nossa situação internacional não podia ser mais deploravel e alarmadora. No coração da Amazonia, clamava-se por todo o paiz, « estava prestes a implantar-se o mais perigoso dos imperialismos, esse imperialismo *estrellado*, que, na phrase injusta de Ribet, ha de ser sempre o terror de toda a America Latina, e que, como lugubrememente se prophetizava então, não tardaria a irradiar-se pelas demais uberrimas regiões da vizinhança como um polvo monstruoso e insaciavel a tudo absorver e tudo arrebatat. Achavamo-nos em estado de guerra com a Bolivia. Contra nós armava-se o Perú, apesar de nos termos dignamente recusado a dar braço forte á aventura da mallograda Republica de Loreto. A Colombia debalde appellara para a nossa solidariedade continental afim de que corresseemos em seu auxilio, evitando o retalhamento imminente do seu territorio. A Venezuela esquivava-se de nos acompanhar nos ultimos passos para a demarcação de suas fronteiras com as nossas. O Presidente Campos Salles, acudindo presago, gentil e jubiloso ao convite do Presidente Roca para visitar a Argentina, não se apercebera da teia diplomatica em que se deixava envolver, provocando o resfriamento subito de nossa velha amizade com o Chile (*muito bem*), nem evitava com esse gesto de alta cortezia politica que o successor daquelle grande amigo do Brazil continuasse a ser um dos nossos mais gratuitos e impenitentes desaffectedos. (*Muito bem; muito bem.*) Em Valparaizo, os nossos navios de

guerra não recebiam por esse tempo muito amavel hospedagem. Friamente tratados eram os nossos jurisconsultos em Santiago. No Uruguay, o chamado partido *colorado* avolumara-se contra nós. Em Assumpção, tinhamos perdido a nossa antiga ascendencia moral. Em uma palavra, a nossa posição era de quasi completo isolamento na politica sul-americana.

O SR. PEDRO MOACYR — Quanto ao Paraguay, a nossa situação está actualmente profundamente compromettida.

O SR. COSTA REGO — Ha algum compromisso em relação ao Paraguay?

O SR. PEDRO MOACYR — Está grandemente compromettida, repito. Não posso ir adeante.

O SR. DUNSHEE DE ABRANCHES — Foi comprehendendo admiravelmente esse momento delicado da nossa existencia continental que o eminente Sr. Rodrigues Alves chamou para occupar a pasta das Relações Exteriores o Barão do Rio-Branco. Impoz-lhe mesmo esse encargo como objecto de serviço publico, deante da ultima recusa que d'elle recebera em telegramma enviado de Lisboa. E o certo é que, dentro de poucos mezes depois de haver assumido a direcção de nossos negocios internacionaes, não tardaram a dissipar-se as apprehensões reinantes em todos os espiritos.

Bem cedo, com o Brazil, a Bolivia e o Perú reconheciam o perigo que a todas as tres Republicas ameaçava si se mantivessem dentro dos preconceitos que irritantes e descabidas pretensões de fronteiras entre cada uma de per si ou em conjuncto, haviam creado. Resolviam amigavelmente as questões pendentes e ficava de posse cada qual de incalculaveis riquezas territoriaes. Com a Argentina, iniciavamos essa fecunda politica de aproximação consagrada de vez mais tarde em historico banquete do palacio do Itamaraty pelos discursos proferidos por Saenz Peña, eleito já Presidente da sua gloriosa patria, e Rio Branco em nome do Governo do Brazil. Ao Chile,

além dos mais eloquentes testemunhos de que as nossas velhas sympathias não haviam um só instante mudado, demonstrámos praticamente na questão Alsopp que o A. B. C., ideado pelo meiro Paranhos, já se tornara uma realidade sob o influxo do segundo, em documento que ficará como a pedra angular da liberdades civicas e da autonomia politica das Republicas sul-americanas. Em uma palavra, com a Republica Oriental, selavamos com o pacto magnanimo da Lagôa Mirim a amizade que, para longos annos, ha de unir nos mesmos ideaes e nos mesmos destinos gloriosos as duas nações co-irmãs.

O SR. PEDRO MOACYR — Portanto, a obra do A. B. C. estava consummada; nada mais havia a fazer.



III

O momento internacional e o A. B. C.

O SR. DUNSHEE DE ABRANCHES — Sr. Presidente, si é assim e si, para com as outras Republicas da America do Sul e da Norte America, o roteiro estava já firmemente traçado na nossa Chancellaria pela tradição, que foi sempre a nossa força, e pelo genio de Rio Branco, que a transformou em o nosso direito vivo, que alto interesse teria o illustre Sr. Dr. Lauro Müller em abalar siquer de leve o que já encontrava tão solidamente construido ?

Para que simular alianças com uma, duas ou mais nações do continente quando uma geral solidariedade reunia já todos os povos americanos ?

A sua visita aos Estados Unidos foi um acto apenas de elevada cortezia.

De cortezia elevadissima, a sua excursão ao Prata e ao Pacifico.

O Convenio do A. B. C., que ora se discute, nada adeantou ao que já estava devidamente contractado em actos escriptos e accôrdos moraes que ás vezes valem mais do que as clausulas rigidas de um tratado. (*Apoiados geraes.*)

O que fez o Sr. Ministro do Exterior, com a sua illustre presença nas capitaes das nações amigas que percorreu, foi patentear mais uma vez, nesta phase aguda da politica mundial, que a união dos paizes do Novo Mundo continuava a ser a mais franca e decidida em torno dos principios que veem seguidamente sustentando e já podem constituir, ou melhor, já constituem o direito publico americano.

O SR. PEDRO MOACYR — S. Ex. o fez com talento, mas não precisava do tratado.

O SR. DUNSHEE DE ABRANCHES — Nada justifica assim o alarma que em torno deste tratado se levantou logo na Bolivia, nas Republicas do Pacifico e no próprio Uruguay, que ardoroso publicista colombiano chegou sinistramente a amaldiçoar, augurando que um dia ainda, por servir sempre passivamente ás ambições dos mais fortes, acabaria por se tornar a Belgica da Sul America. Tão pouco houve razões para a agitação opposicionista que, menos forte entre nós do que na Argentina ou no Chile, se procurou mover contra os tres governos signatarios desse pacto, firmado em Montevideo com tão carinhosas trocas de affecto e de promessas de solidariedade, pelos representantes illustres das mais populosas nações desta parte do Novo Mundo.

Em uma entrevista mesmo com um dos orgãos da imprensa desta capital, eu alludi a cartas confidenciaes que havia recebido de antigos diplomatas e jornalistas sul-americanos, que, na sua estadia, no Brazil, me distinguiram com a sua amizade, e ás respostas tranquilizadoras que lhes dei ao me interpellarem sobre o que entendiam ser a quebra da ve-

lha politica internacional da nossa patria, entrando em um convenio em que directamente nada tinha a lucrar e que era uma ameaça perenne sobre os destinos dos mais fracos, cujas terras vinham sendo alvo de cubiças seculares.

Houve mesmo um desses missivistas, espirito atilado e ardego, que chegou a pintar o Brazil como um Christo que, em nada semelhante ao grande martyr da Judéa, depois de ter egoisticamente fechado as suas fronteiras, se deixara crucificar com a mais fria condescendencia, pouco se lhe dando que aquelles de que sempre fôra o providencial patrono e tanto o serviram, pudessem dahi por deante ser á vontade mutilados, uma vez que consentira que immobilizassem todos os seus movimentos os cravos de aço do pacto de 25 de maio. (*Muito bem.*)

Eu, porém, Sr. Presidente, com a fé sincera que deposito no espirito lucido, patriotico e eminentemente republicano do Sr. Ministro das Relações Exteriores, não vacillei um instante em procurar destruir as idéas mal concebidas ou os resentimentos injustos que pudessem animar esses e outros homens illustres de nações irmãs que para nós valem tanto quanto os gloriosos signatarios do acto diplomatico do A. B. C.

Recordei-lhes que o Brazil possuia um povo profundamente cioso do seu passado e avesso completamente aos golpes de força ou de oppressão, partissem de onde partissem. A formula da nossa politica no continente admiravelmente synthetizara Rio Branco, como em hora solemniissima eu relembraza em o seu necrologio, feito em nome da Camara dos Deputados, quando, não por palavras, mas por actos decisivos e formaes, affirmara uma vez que não tinhamos, como jámais tivemos, predilecções por esta ou aquella Republica amiga, como se procurara explorar debalde, e que o sentimento de fraternidade do Brazil para com os povos irmãos era igual, absolutamente igual para todos, sem excepção de um só! Si a

Argentina padecia, ao lado della nos achavamos. Si a calamidade de uma guerra desigual ameaçava o Chile, tudo faziamos para que a tradicional altivez dessa raça de heroes nada soffresse.

O SR. LEÃO VELLOSO — Nada disso impede que façamos o A. B. C.

O SR. DUNSHEE DE ABRANCHES — Si era o Paraguay ou a Bolivia que se debatia em crises angustiosas, ou o Uruguay e o Perú, que se consideravam espoliados, ou a Venezuela, o Ecuador e a Colombia, que para a nossa antiga amizade appellavam, nunca nos negámos a prestar a cada uma de per si o concurso dos nossos bons officios e a nossa assistencia moral, regosijando-nos sempre quando o socego e a ordem vóltavam aos seus dominios ou quando, das suas calamidades publicas, sahia illesa a sua integridade. (*Applausos.*)



IV

A formula continental

O SR. DUNSHEE DE ABRANCHES — E' claro de ver, Sr. Presidente, que fallo em meu nome. E' possivel que este meu modo de encarar o problema continental seja até bem diverso do pensamento do actual Ministro do Exterior. E não é de hoje que venho explicando que, apenas durante o Governo do Sr. Barão do Rio Branco, é que tive a honra de ser nesta Casa do Congresso o orgão do Itamaraty, como me cognominou mais de uma occasião o nosso eminente collega e meu dilecto amigo Sr. Barbosa Lima.

Apezar disso, mais de uma vez divergi humildemente da superior orientação diplomatica do extincto Chancellor, por questões de escola ou de principios, o que aliás nunca o me-lindrou nem diminuiu a honrosa amizade e a grande confiança com que sempre me distinguiu até os seus ultimos momentos de vida. Fui, como alguns dos presentes devem estar lembrados, um dos raros Deputados que votaram nesta Camara contra o tratado da Lagôa Mirim.

Sr. Presidente, o pacto do A. B. C., ora em debate, não só me desagrada pela fôrma como, pelo fundo, penso que nos forçará á celebração de uma série de outros convenios semelhantes com as demais Republicas irmãs do continente, repletando inutilmente protestos de sympathia e pacifismo, já consignados sufficientemente com alto tino, prudencia e sabedoria nos trinta e um accôrdos de arbitramento celebrados pelo Brazil com todos os paizes da America e outros da Europa e da Asia, sendo que apenas um com o Chile, não foi negociado durante o Ministerio Rio Branco.

Commentando em 1911 as palavras com que, no seu interessante livro *Histoire sommaire de l'arbitrage permanent*, Gaston Moch exaltava esses brilhantes feitos do grande diplomata brasileiro, collocando a nossa patria na vanguarda dos povos pacifistas, escrevia eu no meu trabalho, então publicado em folheto, sob o titulo *O Brazil e o Arbitramento*:

«Na verdade, o Governo do Brazil, com este bello e decisivo movimento em prol da arbitragem permanente, conseguiu mais uma vez prestar uma justa homenagem ás doutrinas liberaes, que nos vem inspirando desde os primeiros dias da nossa autonomia politica, a um tempo respeitando o espirito tradicional da nossa diplomacia e fielmente executando os preceitos constitucionaes da Republica. Em todos esses importantes convenios internacionaes, podemos dizer com desvanecimento, ficaram perfeitamente resalvados os *principios e as formulas*. E o benemerito Sr. Barão do Rio Branco, tornando-se o grande apostolo da paz continental, uma vez ainda teve a gloria de ver, inteiramente identificados em um mesmo ideal nobilissimo, os impulsos patrioticos do seu coração magnanimo e os sentimentos civicos e as aspirações de concórdia, de liberdade e de progresso do povo brasileiro». (*Muito bem; muito bem.*)

Em todo o caso, celebrando neste momento o Tratado de Montevideo sobre bases que se lhe afiguraram mais amplas e cordiaes que as do pacto firmado no Rio de Janeiro a 7 de setembro de 1905, o eminente Sr. Lauro Müller quiz, naturalmente, accentuar bem claro que a vertigem bellicosa que reina em grande parte do mundo civilizado, não conseguiu nem conseguirá conturbar o animo sereno e magnanimo da nação brasileira e de seus estadistas e que continuamos a viver dos mesmos ideaes elevados que jámais deixaram de illustrar em paginas memoraveis a nossa historia politica. (*Apoiados geraes.*)



V

A diplomacia brasileira e a intervenção no Mexico

O Tratado do A. B. C., si outras virtudes não possuísse nas nobres intenções do illustre Sr. Ministro das Relações Exteriores, de consolidar cada vez mais as nossas boas relações com as duas Republicas amigas do Prata e do Pacifico, teria sempre entre nós a grande vantagem de tranquillizar sufficientemente a opinião nacional, demonstrando á sociedade que, em face do problema maximo, que agita a esta hora o nosso continente — *a intervenção americana nos negocios internos da Mexico* — a nossa diplomacia não se afastará de certo uma linha das normas que a actual administração encontrou em a nossa chancellaria e que lhe permittirão mover-se com a delicadeza e o tacto que tão melindrosa situação exige.

O SR. PEDRO MOACYR — O orador condemna tambem a intervenção no Mexico ?

O SR. DUNSHEE DE ABRANCHES — A *questão mexicana* tem para nós outros, paizes da America do Sul, uma face unica —

a *questão americana*. Não digo propositalmente *latino-americana*, porque não acho a denominação correcta nem propria, uma vez que não é verdadeira. Das tres raças basicas da nossa nacionalidade, uma apenas é de origem latina já bem mesclada e, actualmente, o que existe entre nós, na Argentina e no Chile, como o que ha nos Estados Unidos, por exemplo, não póde ser filiado a um typo ethnico definitivo.

A *questão* do Mexico, porém, si é para nós uma *questão* unicamente *americana*, já não o é assim para os seus vizinhos da America do Norte. Dentro della ha para o *yankee* a *questão do Pacifico*. Esta é a equação internacional posta nos seus devidos termos.

“No meu livro *Brazil and the Monroe doctrine*, eu já estudava em 1906 a evolução politica e a expansão economica dos Estados Unidos em todas as suas grandes phases, até se tornar a potencia mundial, que hoje é, influindo directamente no concerto das grandes nações europeas, ao mesmo tempo que demonstrava os beneficios colhidos pelas demais Republicas do continente á sombra dos famosos principios proclamados na mensagem de 1823 daquelle presidente norte-americano, e, principalmente, pelo Brazil que, desde então, se considerou um alliado tacito da grande Republica do septentrião.”

Depois de salientar no prefacio desse trabalho quão injusto fôra Eduardo Prado na sua «*Ilusão americana*», deixando-se perturbar pela propaganda commercial que, na Europa, especialmente na Inglaterra e na França, se vinha movendo contra os Estados Unidos, procurando atemorizár com o seu imperialismo nascente as outras nações menos poderosas e anarchizadas da America, como si o imperialismo *yankee* fosse menos nefasto e perigoso para os mais fracos do que o imperialismo britannico, o imperialismo gaulez, o imperialismo germanico, o imperialismo russo e até o imperialismo italiano, provava que, fosse como fosse, a doutrina de Monroe garantiria

pelo menos um seculo de independencia geographica a todas as nações do Novo Mundo para consolidarem as suas liberdades publicas e organizarem a sua vida economica e politica. O imperialismo é uma das grandes doenças sociaes da actualidade, denunciando uma diathese universal cujos effeitos perniciosos não se podem calcular a esta hora até onde poderão estender-se através de bruscas oscillações de fronteiras ou das mais cruentas e devastadoras pelejas sobre todos os pontos do globo.

O grande mal foi não se haverem até hoje devidamente aparelhado para a resistencia e para a lucta a maior parte dos paizes deste lado da America. O Brazil mesmo que, pelo seu vasto territorio e condições climatericas e geographicas, parecia reservado a ter uma tão alta destinação historica no continente, esse mesmo, quer por questões de origem e de costumes herdados da Colonia, quer pela desgraçada situação em que o escravizaram desde os primeiros annos da Independencia que o tratados feitos com Gran-Bretanha, com a França e com Portugal, quer por uma serie de desastradas pugnas intestinas, que constantemente entravaram todo o desenvolvimento das suas riquezas naturaes, muito se tem descuidado da sua organização interna sob o ponto de vista de sua defesa commercial e politica no exterior. Si outra todavia tivesse sido a sua marcha evolutiva no continente, si houvesse correspondido á prophacia do philosopho e historiador francez, tornando-se tanto ou quasi tão poderoso quanto a maior Republica da America do Norte, si hoje occupasse de facto e de direito um lugar de honra entre as grandes potencias, como do dia para a noite aconteceu ao Imperio Nipponico, então estaria de certo a esta hora sendo tambem accusado de *imperialista*, apezar de todo o seu passado de campanhas memoraveis em prol das magnas causas da liberdade, do direito e da justiça.

E' preciso que nos convençamos de que o momento não é para divagações abstractas. Temos de encarar as questões

americanas, como todas as questões de ordem internacional neste continente e nos outros, no terreno pratico em que brutalmente a Conflagração européa acaba de collocal-as.

Até hontem, a Allemanha, com o seu rapido desenvolvimento economico e social, conquistando nestes ultimos annos a hegemonia politica na Europa e tornando a sua cultura mental o padrão pelo qual se acabaram de aferir todos os outros povos do mundo civilizado, inclusive os seus mais rancorosos inimigos, attenuára a velha formula imperialista da Gran-Bretanha, imitada sofregamente pelas outras grandes potencias, formula que se baseava na conquista brutal de territorios e exterminio cruento das nações semi-barbaras ou mais fracas que ambicionassem possuir ou escravizar.

Substituida a conquista politica pela conquista commercial, dos mercados estranhos em todos os pontos do giobo, não houve mais quem pudesse resistir neste continente como no outro á expansão germanica. E, para destruil-a, foi preciso ao seu principal concorrente fazer voltar a humanidade aos tempos duros daquella civilização que, para sempre, parecera amaldiçoada e decahida, promovendo uma colligação de todos os imperialistas do antigo dominio pelo ferro e pelo fogo, pelo morticinio e pelo saque, contra o que, sendo incontestavelmente o mais culto e o mais poderoso pela industria, pelo commercio, pela sciencia, pelas artes e pela educação e espirito de ordem e disciplina, tambem se está afigurando agora a todos o invencivel pelas armas!...

Senhores — Em face da *questão mexicana*, nós, no Brazil, só temos um interesse, e esse de character elevado no sentido do restabelecimento da ordem e da paz naquella Republica amiga. Os Estados Unidos tem tres, e cada qual mais grave e importante para elles: *a vizinhança, o canal do Panamá e o Extremo Oriente.*

O caso, quanto a nós, está limitado a sabermos até onde nos póde ou nos deve levar o interesse superior que nobremente nos inspira. E, desse interesse, por ora só possuímos um juiz — o Poder Executivo da União. E, dos seus actos, nesse sentido, só mais tarde poderemos ser os julgadores, si bem que nada nos prive de, desde já, o esclarecermos e o aconselharmos por palavras e até por actos.

O SR. PEDRO MOACYR — Foi essa a função que reivindiquei para o Congresso.

O SR. DUNSHEE DE ABRANCHES — Ora, assim como ao genio pratico dos inglezes pareceu conveniente, algumas semanas depois de rebentar a actual guerra européa, declararem, não só pela palavra autorizada do seu Ministro do Commercio, como por editorial officioso do *Times*, que não se illudissem os subditos britannicos com vans fantasias, pois que o motivo do Reino Unido entrar na luta nunca fôra garantir a independencia ou a integridade da Belgica, mas, acima de tudo, defender os altos interesses commerciaes e economicos do paiz; assim, tambem, na America do Norte, todos sabem plenamente que, tanto por tráz das sangrentas discordias do Mexico, onde o dollár vem lutando desesperadamente ha mais de meio seculo para esmagar a libra e o franco, quanto através dos debates incandescentes sobre a posse internacional do recém-aberto canal do Panamá, e deante da velha disputa sobre a conquista e o retalhamento da China, o que ha, de facto, é uma luta de vida e de morte entre o commercio *yankee* de um lado e, de outro, o das grandes potencias, ligadas ultimamente ao Japão. E essa luta tremenda, que já esteve prestes de 1902 a 1905 a explodir pelas armas, em uma colligação semelhante a que ora procura esmagar a Allemanha e em que esta tambem fôra convidada a entrar, accentuou-se ainda mais quando, os Estados Unidos começaram a intervir nas questões européas, ameaçando um dia o Imperio Ottomano, protestando em outro con-

tra ás barbaridades dos belgas no Congo e dos russos no extermínio dos judeus, arrancando depois as possessões á Hespanha e, por fim, representando papel saliente nas negociações da paz entre o Mikado e o Czar.

As campanhas pelos jornaes e pelos livros assumiram então proporções exageradas, principalmente em Londres e Paris. Em menos de dous annos, mais de duzentas obras e pamphletos foram publicados nesse sentido. O *perigo americano* tornou-se a divisa com que se principiou a aterrorizar os povos menos cultos deste Novo-Mundo, como agora se está fazendo com o *perigo allemão!*



VI

O perigo americano e a doutrina de Monröe

“ « Depois da — *America aos americanos*, depois da — *America aos americanos do Norte*, exclamava por esse tempo um dos mais fogosos inimigos da entrada definitiva dos norte-americanos no concerto das grandes nações, que se haviam tornado os arbitros supremos dos destinos do universo, não será um paradoxo dizer-se — *O mundo aos Estados Unidos!* » //

Nessas formulas successivas do seu interessante livro — *As transformações da doutrina de Monröe*, esse escriptor francez queria apaixonadamente demonstrar que a politica imperialista de que accusavam os ultimos governos da Casa Branca, não era mais do que um natural desenvolvimento dos principios proclamados na famosa mensagem de 1823, por aquelle immortal estadista.

« Ha quem pretenda, « accrescenta elle », que o imperialismo assignala o termo e a destruição da doutrina de Monröe. M. Geouffre de Lapradelle, entre outros, ha mesmo

sustentado que, com o imperialismo, os americanos se declararam traidores a Monröe. Esse juízo provem de uma confusão que se teima em manter, vendo apenas na mensagem de 1823 uma theoria especial — *o americanismo ou monroismo* — que os juristas tomaram para as suas locubrações.

Esqueceu-se, porém, de que Monröe não quiz formular uma regra inflexível do direito das gentes. A sua doutrina, ao contrario, é a expressão ampla de uma idéa philosophica, o resumo das aspirações de uma raça e a orientação dos seus destinos. Por ella justifica-se tão bem o ataque como a defesa em nome do interesse superior do povo americano, em nome deste principio formidavel: « Os Estados Unidos devem tornar-se cada vez mais poderosos. ».

O imperialismo não é, pois, antinómico á doutrina de Monröe; ao contrario, é uma consequencia della. E' com a Emerson, como breviario, que os Estados Unidos partem á conquista do mundo ».

Esta opinião, aliás, não é original. Lêr o que diz um publicista europeu sobre a doutrina de Monröe e a sua influencia na evolução da União Americana e das outras republicas do Novo Mundo é, em geral, resumir o que dizem todos os outros. Mais do que as rivalidades politicas, a luta economica entre os mercados dos dous continentes, separados pelo Atlantico, justifica neste momento essas odiosidades e prevenções. Deante dos outros paizes, ainda pouco manufactureiros da America, e oriundos de diversa formação ethnica, não deixa de ser um processo engenhoso manter sempre os Estados Unidos, como uma ameaça perenne á sua integridade territorial ou á sua autonomia politica. Si o nervo das transacções commerciaes é o credito e este repousa na confiança reciproca dos que as operam, nada mais natural, do que as praças

da Europa continuarem a pretender enfeixar o monopólio da exportação para as nações em que o seu grande concorrente da America Septentrional se mostra sempre sob as apparencias alarmantes de um conquistador insaciavel.

O *perigo americano* já é assim annunciado por todos esses phamphletistas e pensadores do Velho Mundo, sob duas fórmas temerosas — o *imperialismo politico e moral* e o *imperialismo economico*.

Este, como aquelle, é considerado como tendo ido buscar as suas raizes no principio de Monróe. «A influencia dessa doutrina, diz ainda Ribet, não tardou a se espalhar com toda a sua força innovadora até ás menores dobras do organismo vital dos Estados Unidos; mas, em parte alguma, a sua acção se manifestou desde o começo tão aguda, tão penetrante, como pelo lado economico.» E lembra as palavras de Sydney—Sherwood, quando mostra que «o *proteccionismo moderno*, isto é, a restricção do commercio estrangeiro e o encorajamento do commercio interior, tão livre quanto possivel ha sido sempre o caracter da politica dos homeus que, neste seculo, levantaram imperios» e que «esse proteccionismo é, em grande parte, obra dos americanos, sendo a sua primeira expressão a politica iniciada por Alexandre Hamilton desde os tempos de Washington.» Inaugurando o proteccionismo aduaneiro nos Estados Unidos, havia elle perfeitamente comprehendido que um paiz, ainda desorganizado, se quizesse crescer, deveria defender-se com tarifas elevadas contra a concurrencia das nações já organizadas.»

Não pára ahí o escriptor francez. Procura demonstrar que, si Hamilton teve por ideal proteger o seu paiz como se ampara uma criança, cujos primeiros passos na vida ainda estão vacillantes, Monróe, vendo logo depois adulta e vigorosa a sua patria, só imaginou fortalecel-a, fazendo com que pu-

desse fallar á Europa como uma verdadeira rival, desde que era « a região do mundo mais bem provida de hulha e minérios e mais fertil em elementos de todo o genero, e animando o *yankee* ousado a dizer ao europeu rotineiro:

«Eu vou á tua casa porque precisas de mim, mas não venhas á minha que eu de ti não careço».

Descreve em seguida todo o assombroso e rapido progresso dos Estados Unidos, sob o regimen proteccionista, desde a sua sagração pelo baptismo de sangue na guerra entre os Estados do Norte e os do Sul, até ao famoso *bill* Mac-Kinley, que o affirmou de vez, proclamando abertamente a politica expansionista da União e ferindo quasi de morte, com uma tarifa monstro, grande numero de industrias importantes da Allemanha, da Inglaterra e da França. Mostra como se entende a immigração nesse extraordinario paiz, cujas instituições dominantes correspondem tão bem á indole e ás aspirações dos seus primeiros povoadores.

O *oceano humano*, que alli se ha despejado, cerca de um seculo, de italianos, allemães, escandinavos, inglezes, bohemios, francezes, tudo, tudo tem sido bruscamente assimilado, como que perdendo a patria, os habitos, as tradições e a propria raça! O chinéz, o colono mais perigoso, tido logo como parasita, não tardou a ser brutalmente eliminado.

O *yankee* sabe defender-se de modo admiravel. Como o chinéz, o immigrante indigente ou enfermo não lhe pisa mais o solo privilegiado e empolgante. A doutrina de Monroe, em vez de uma arma defensiva para os fracos, tornou-se a egide dos fortes!»

Ribet termina contrariando as opiniões do professor allemão Hugo Munstemberg que, em um dos seus livros, sustentara que *a doutrina de Monröe ha de morrer, porque uma nação não póde sempre viver sobre um capricho.*

« Não, exclama elle, a doutrina de Monröe não é, em sua lettra, *um capricho*, como não é uma *virtualidade facil*: toda uma orientação economica existe nella para affirmal-a com os resultados incomparaveis que tem dado. E quanto ao seu espirito, essa doutrina é o evangelho que se encontra energicamente escudando todos os passos dos Estados Unidos contemporaneos. E' a arma dos norteamericanos contra a Europa, arma que a Europa não volta contra elles, de modo que podem com segurança estender o seu poderio sobre a America inteira e o universo. Sem a doutrina de Monroe, o pan-americanismo e o imperialismo *yankkee* não existiriam: elles são seus filhos. »

Assim tão apaixonadamente se exprimindo, não imaginava talvez o ardoroso escriptor francez que, paginas adiante da sua mesma obra, seria elle mesmo quem justificaria, não já como uma consequencia inevitavel da evolução da doutrina de Monroe, mas como o resultado das idéas em voga entre as grandes potencias do mundo contemporaneo, toda essa ameaçadora politica proteccionista e de expansão economica, da qual tanto accusara a grande nação norte americana.

« Desde 1870, escreve elle no capitulo a que deu a denominação curiosa de — *Technica economica do imperialismo*, desde 1870, os paizes de emigração que haviam sido principalmente a Inglaterra em começo, e a Allemanha em seguida, multiplicaram-se. A Austria, a Noruega, a Suecia, a Italia, a França e o Japão principiaram a enviar para os paizes novos, correntes de homens e capitaes ».

E conclue: « Foi só em 1898 que os Estados Unidos se decidiram a não mais resistir á corrente de expansão que arastava os povos civilizados ! »

Ora, si é assim, si apenas nestes ultimos annos, os governos da Casa Branca se resolveram a imitar a politica expansionista, praticada já, em alta escala e a largo tempo pelas grandes nações europeas, o mais de que os podemos accusar

é de se haverem erradamente afastado da divisa internacional que, por mais de um seculo, assegurou a grandeza e a integridade da União Norte Americana, não reagindo contra a influencia das idéas de conquista e absorpção, victoriosas em outros paizes do velho mundo; mas attribuir a uma transformação do monroismo um mal commum a povos, que tanto o teem combatido e repudiado, é mais do que teimar em desconhecer as leis da sociologia e da historia, é querer dar soluções por absurdo a problemas sociaes que, uma vez enunciados, estão por si mesmos resolvidos.



VII

O imperialismo Yankee

Sr. Presidente, com muita propriedade e sabedoria, George Weulserse definiu o imperialismo como um dos grandes phenomenos do nosso tempo. «Em acção continua sobre todos os pontos do globo», diz elle, «é uma politica que, todos os dias, sob os nossos olhos, vae modificando o mappa das nações. O imperialismo britannico invade a Africa Austral, trabalha para se estender ao norte e ao sul, atravessando de lado a lado esse continente, e sonha ainda em construir nos quatro cantos dos oceanos o mais paradoxal dos imperios. O imperialismo allemão não se limita a abrir ao commercio e á colonização germanica os dominios mais vastos, mais longinquos e mais diversos; cubica ainda uma rica parte da successão austriaca. O imperialismo russo desaba sobre a Asia inteira; ha muito tempo pesava sobre a Turquia e a Persia, e ameaçava a India; agora, procura desmembrar a China e se alargaria sobre a Coréa, si não hou-

vesse encontrado em frente um outro imperialismo recém-nascido — o imperialismo japonês.»

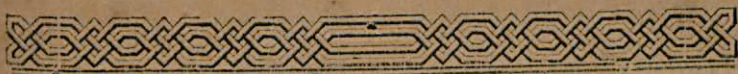
Sendo assim, era natural que, sob o ponto de vista da sua politica economica, os Estados Unidos procurassem acautelar os seus grandes interesses nos mercados exteriores e assegurar a sua propria estabilidade continental, uma vez que as outras potencias assumiam uma attitude aggressiva, dilandando todas os seus dominios e apossando-se, aqui e alli, nos oceanos, de territorios importantes, quer pela sua posição estrategica, quer como emporios commerciaes de primeira ordem.

Tem sido essa, aliás, a preocupação capital dos seus estadistas, em todos os actos internacionaes, em que os accusam de se haverem atirado ás aventuras perigosas do imperialismo reinante em outros paizes, que lhes disputam a hegemonia politica no mundo moderno, como nas questões das ilhas Samôa, Hawai e Philippinas, do canal do Panamá, da intervenção européa no Extremo Oriente, da libertação de Cuba e do tão discutido *trust* do Oceano, monopolizando todas as vias maritimas do Universo.

Eis a questão tal qual é e tal como deve ser encarada nos paizes mais fracos ou mais novos que aspirem desenvolver-se, fortificar-se e defender-se por uma intelligente organização economica e politica.

Nem o *pan-americanismo*, tal como o definem os escriptores infensos aos Estados Unidos, isto é, como o protectorado politico, economico e moral dos *yankees* sobre todos os outros povos americanos, é uma consequencia logica da doutrina de Monröe; nem desta se originou, de deducção em deducção, a formula imperialista que possa ter adoptado recentemente a grande Republica e que em nada differe da já proclamada e seguida pelas grandes potencias do velho Mundo.

Para demonstrar estas asserções, não se carece senão apellar para os proprios factos, que teem servido sempre de libello contra a patria de Washington, afim de antipathizal-a com as demais nações do continente.



VIII

A annexação do Hawai

Sr. Presidente, lutando sem cessar contra as ambições vorazes da Inglaterra e da França, cada qual procurando a todo o instante apossar-se pela força, ou pelos capitães das terras americanas, especialmente nas Antilhas, na America Central e na do Sul, era natural que os Estados Unidos acabassem tambem por ser forçados a adoptar os processos avassaladores daquellas e outras potencias entrando em concorrência com ellas na expansão politica e territorial sob todos os pontos do globo, nos quaes descobrissem interesses a garantir ou a desenvolver.

Lancemos assim um rapido golpe de vista retrospectivo sobre a politica *yankee* e comecemos pela sua attitude nas questões das ilhas Hawai e Samôa.

«A annexação das ilhas Hawai, é o insuspeito Ribet quem escreve, não tem historia. De tempos immemoriaes, Honolulu era para os americanos o que Nice e S. Rafael são para

os francezes ou inglezes *spleeneticos*. Desde a inclusão da enseada de S. Francisco na classe dos grandes portos dos Estados Unidos, todo o trafico de Hawai passou para esse lado. Dahi em deante, mesmo com a Europa, o commercio começou a ser todo feito por via *yankee*. O Japão, apenas, pôde tentar uma concorrência, aliás pouco apreciavel, porquanto, em 1886, por exemplo, sobre um total de trocas de 80.657.000 francos, 74.897.000 foram effectuadas com os Estados Unidos, Hawai, tirando, pois, todo o seu fluxo vital dos Estados Unidos, só poderia aspirar uma cousa: *tornar-se o mais depressa parte integrante da União Americana. Foi uma luta cortez entre as ilhas, que se offereciam, e os Estados Unidos que as recusavam, mas entibiando de mais a mais a firmeza das suas recusas*. Foi assim que, bem cedo, a União consentiu na entrada livre do assucar das ilhas. Não tardou ainda que tornasse publica a declaração de que jámais consentiria em que fossem colonizadas por qualquer nação européa. Uma mensagem do presidente Tyler, de 30 de dezembro de 1842, confirmando uma nota do secretario de Estado Webster, foi, sobre este ponto, bastante categorica. Preciso que os 5/6 dos navios que visitavam as ilhas, saham dos portos americanos e que era, portanto, natural que o governo de Washington velasse para impedir toda e qualquer instrusão estrangeira em Hawai. Uma outra nota, de 13 de junho de 1843, insistiu na mesma linguagem, affirmando que os Estados Unidos se opporiam, mesmo a força, á conquista, pela Europa, do archipelago. Clayton, em 1850, o presidente Filmore, na mensagem de 1851, Marcy, em 1855, fizeram analogas declarações, mas nunca deixaram perceber a intenção de annexar Hawai. A 5 de julho de 1868 o secretario de Estado, Seward, precisou, ao contrario, que o espirito do povo americano, inimigo das conquistas coloniaes, se oppunha á tomada de posse daquellas ilhas. Não se havia ainda deduzido, nessa época, da dou-

trina de Monröe, a fórmula imperialista. O proprio pan-americanismo, sahido da mensagem Polk, estava ainda em vias de elaboração. Era preciso, pois, esperar ainda, mas não deveria ser por muito tempo.

Em 1881, Blaine tomou a questão vivamente a peito. Os Estados Unidos, em sua opinião, estavam gravemente interessados por qualquer movimento, debate ou negociação, podendo provocar a acção de uma potencia estrangeira nas ilhas. Não poderiam esquecer-se de que as ilhas Hawai estavam fadadas a se tornar americanas em um futuro muito proximo. «Pelas leis naturaes e pela necessidade politica», dizia uma nota de 1 de dezembro de 1881, «ellas não podem fazer parte do systema asiatico, mas do americano». Sobre esta base, quando chegou a presidencia Mac-Kinley, hesitação alguma era mais possivel; em 1898, as ilhas foram annexadas, e, desde 1900, passaram a ser consideradas como um territorio da União Americana.»



IX

A questão de Samoa

Sobre a incorporação das ilhas Samoa aos domínios americanos ainda é mais preciso o abalizado escriptor: « Como as ilhas Hawai, explica elle em elegante e breve synthese historica « as ilhas Samoa muitas vezes se offereceram aos Estados Unidos, desde 1860. Em cada uma destas occasiões, o consul americano em Apia não deixara de proclamar o protectorado do seu paiz sobre o archipelago, mas vira sempre os seus actos desaprovados pelo governo de Washington. Os Estados Unidos, com esse modo de agir, não se desinteressavam de seus direitos sobre Samoa, mas tinham de ficar fieis á sua politica de não colonização. O secretario de Estado Bayard escrevia ao mesmo, a 27 de fevereiro de 1886: « Si a expansão colonial fosse a politica dos Estados Unidos, é claro que este paiz teria um direito igual ao de Inglaterra e de Allemanha sobre as ilhas Samoa ». Tambem, quando para terminar com uma guerra de successão, que arruinava o archipelago inteiro e despovoava particularmente Upolu, os governos de Londres

é de Berlim julgaram a proposito intervir, os Estados Unidos não puderam evitar de se intrometter na acção. Participaram da conferencia realizada em 1889 em Berlim pela qual as ilhas foram declaradas independentes, sob o *condominio* das tres nações signatarias do convenio — a Inglaterra, a Allemanha e os Estados Unidos.

« Sob este regimen viviam as ilhas Samoa em paz quando em começos de 1889, novas perturbações as agitaram. Abriu-se um conflicto entre os partidarios de dous chefes indigenas Tanu e Mataafa, que entre si disputavam a successão do rei Malietao; morto em agosto de 1898. A Inglaterra e a America sustentavam Tanu, e a Allemanha Mataafa. Este resistiu vigorosamente ao ataque e forçou o vencido a se refugiar no cruzador inglez *Porpoise*. Os inglezes e os americanos bombardearam então, de 15 de março a 1 de abril, as posições occupadas pelos indigenas victoriosos. Um destacamento anglo-americano, tendo procedido a um desembarque, cahiu em uma emboscada e foi massacrado. Era demais, os gabinetes diplomaticos intervieram seriamente, e plenipotenciarios partiram de Londres, Berlim e Nova York, para o archipelago. Reunidos em commissão mixta, esses delegados concluíram a cessação do condominio. Tres convenções foram ajustadas. A 7 de novembro de 1899, um primeiro pacto, estatuindo sobre as indemnizações devidas aos subditos allemães prejudicados com os bombardeios, especificou a arbitragem ao rei da Grecia. Por dous outros tratados, de 8 de novembro e 2 de dezembro do mesmo anno, duas das ilhas foram entregues em toda a soberania á Allemanha e as outras aos Estados Unidos. A Grã-Bretanha renunciava a todos os seus direitos sobre Samoa; mas, em compensação, a Allemanha lhe cedia a parte que tinha nas ilhas Salomão e todos os seus direitos sobre as ilhas Tonga. A questão de Samoa foi definitivamente regulada pelo laudo do rei Oscar, em outubro de 1902 ».

Ora, o que se deduz de tudo isso, narrado embora por tão suspeito historiador aos Estados Unidos, é que, se estes acabaram por intervir nas questões desses dous archipelagos, assediados de todas as partes pelo appetite colonizador de certas nações européas, não o fizeram impellidos pelo espirito imperialista do povo americano, sempre adverso, desde a fundação de suas instituições politicas, ás aventuras de conquista e de absorpção. Foi o proprio instincto de conservação que os levou a esses extremos, depois de larga relutancia. Os governos de Washington, depositarios das graves responsabilidades de manter e assegurar a grandeza de sua patria no concerto das grandes potencias, não poderiam cruzar os braços e ficar impassiveis deante da attitude, por estas assumida, procurando quebrar o equilibrio intercontinental, assenhorear-se de pontos estrategicos de primeira ordem no Pacifico, como já os possuíam no Atlantico, e tomar posições, em que, a cada momento; estariam ameaçando a propria integridade politica da União Americana. O imperialismo *yankee*, proclamado do dia para a noite, deveria ter assim profundamente irritado os governos autocraticos de além-mar. Era a arma de defesa contra o imperialismo europeu, já aparelhado então para golpes audazes no Extremo Oriente, e, mais tarde, sem duvida, nos paizes mais fracos e ainda mal organizados da America do Sul.



X

O Extremo Oriente e o canal do Panamá

A aquisição das Philippinas, estabelecida em uma das clausulas do Tratado de Paris, entre os Estados Unidos e a Hespanha, logo após a rapida e cruenta guerra travada em torno da conflagração de Cuba, era tambem a consequencia logica da situação que os acontecimentos mundiaes haviam creado para os americanos do norte no Extremo Oriente.

Nação alguma da Europa, nem mesmo a Russia ou a Inglaterra, possui maiores e mais avultados interesses na China do que os Estados Unidos. Dominadores por excellencia do Pacifico pelo seu commercio e colossaes industrias, uma vez que só agora o Japão lhes começou a fazer séria concorrência e S. Francisco fica muito mais perto dos grandes centros consumidores do Celeste Imperio e outros paizes asiaticos do que os portos de Inglaterra, Allemanha, França e Italia, é natural que viessem os governos da Casa Branca a participar das lutas e das ambições das potencias europeas, movidas em torno

da Côte de Pekin. O apparecimento desse novo pretendente á partilha da China e seus dominios, ha longos annos tão appetecida e tantas vezes mallograda, mui justamente irritou os velhos convivas desse preconizado banquete, em que deveriam ser devorados os despojos de tão preciosa caça e que nunca chegou até hoje a realizar-se pelas divergencias inevitaveis na organização do cardapio.

Essa irritação mesmo dos governos europeus cresceu de ponto em 1900 quando se deu a intervenção armada das potencias deante dos massacres dos christãos no territorio chinês e dos assaltos ás legações em Pekin. Enviando tambem tropas e navios aos mares da China, os Estados Unidos fizeram todavia a declaração prévia e formal de que, de modo algum, concorreriam para o desmembramento do grande imperio asiatico.

Em notas de 29 e 30 de agosto desse anno, o governo de Washington positivava abertamente as suas intenções. Na primeira dizia elle: « O Governo dos Estados Unidos recebeu com grande contentamento a declaração reiterada da Russia de que não tinha intuito algum de aquisição territorial na China e de que, agindo de concerto com outras potencias, apenas visava proteger a sua legação e auxiliar o governo chinês a reprimir as desordens. O governo dos Estados Unidos tem sido sempre movido no passado e continuará a ser movido no futuro pelos mesmos principios; e a leal declaração da Russia está de accôrdo absoluto com diversas declarações feitas aos Estados Unidos por outras potencias. Todas as potencias tendo, por conseguinte, affirmado não possuir desejo algum de aquisição territorial na China, e havendo conseguido o fim, a que se propuzeram de libertar as legações de Pekin, não deve ser difficil, que, por meio de negociações conjuntas, se chegue a um accôrdo amigavel com a China, graças ao qual os direitos reconhecidos por tratado ás diversas potencias sejam

confirmados para o futuro, assegure-se a porta aberta, amparem-se os interesses e os bens dos cidadãos estrangeiros e faça-se plena reparação ás perdas e damnos, que hajam sofrido ».

Na segunda nota, de 30 de agosto, ainda mais nitidamente synthetizava o seu pensamento a diplomacia norte-americana: « Os fins das potencias na China devem ser: proteger tudo o que seja vidas ou bens de estrangeiros: impedir que as desordens actuaes se estendam as outras provincias e reprimil-as de vez; procurar uma solução que faça reinar uma segurança permanente e a paz na China; manter-lhe a integridade territorial; amparar todos os direitos garantidos por tratados ou pelo direito internacional ás potencias e salvaguardar o principio da liberdade do commercio em todos os pontos do Imperio Chinês ».

A essa attitude energica da diplomacia americana, ficou devendo principalmente a China a sua integridade, ao mesmo tempo que asseguravam os Estados Unidos a sua supremacia commercial no Pacifico, ainda mais acentuada durante a guerra russo-japoneza.

A victoria, entretanto, do Japão, que, do dia para a noite, surgira como grande potencia a querer tambem um logar de honra no concerto das mais poderosas nações-do mundo civilizado, e as rivalidades crescentes dos paizes europeus deante da assombrosa concurrencia dos productos americanos em os centros consumidores, não poderiam deixar de servir ainda de salutar aviso aos governos de Washington mui justamente ciosos do terreno já adquirido nos mercados asiaticos para vassão de suas industrias e generos agricolas.

A compra das Philippinas trouxe-lhes assim vantagens extraordinarias. Habitadas por quatro raças adversas que viviam em constantes e sangrentas discordias intestinas, mal

exploradas sempre durante o dominio de Hespanha, cujos processos colonizadores sempre foram os mais rotineiros e tyrannicos, essas ilhas, uma vez nas mãos dos americanos, transformaram-se, dentro de poucos mezes, em excellente emporio commercial, além de magnifico ponto estrategico, entrando ao mesmo tempo as suas populações em um regimen administrativo e politico, capaz de lhes garantir uma tranquillidade duradoura e fecunda.

Finalmente, já não fallando no grande ruido feito em torno do mallogrado *trust do oceano*, mais um dos audaciosos commettimentos ideados por Pierpont Morgan, no arrojado intuito de consolidar de vez o commercio maritimo de sua patria, a questão do canal ligando entre as duas Americas o Atlantico ao Pacifico, tem sido sempre um dos espantalhos mais insistentemente levantados em torno do imperialismo economico dos Estados Unidos.

Com effeito, o sonho grandioso de Bolivar, imaginando fazer do canal do Panamá a propriedade exclusiva e o penhor eterno da confraternização dos povos americanos, revelara, desde 1825, ao genio pratico dos *yankees* as grandes vantagens economicas e politicas que, para os Estados Unidos, adviriam si, algum dia, se pudesse tornar uma realidade a abertura do isthmo. Essa idéa mesmo tornou-se a preocupação absorvente dos estadistas norte-americanos, em successivas gerações, desde que a Hollanda, a principio, e, mais tarde, a Inglaterra e, com a Inglaterra a França, começaram a tudo intentar, para levar a cabo, com os mais altos proveitos para a sua politica exterior, tão arrojado empreendimento.

A campanha diplomatica, travada em torno de tão magno assumpto, uma das mais melindrosas e accidentadas que registram os fastos internacionaes do mundo civilizado, deixou bem á mostra, desde o tratado Clayton-Bulwer, até ao ajuste Hay-Pauncefote, e, deste, ao remate da questão na presiden-

cia Roosevelt, a tenacidade, a clarividencia e o tino dos homens, que tem tido sob a sua guarda e responsabilidade os altos destinos da grande Republica. Mais uma vez, a doutrina de Monroe triumphou. A chave da navegação interoceânica não cahiu, como mais de uma occasião se julgou inevitavel, nas mãos de qualquer uma das potencias, que, do outro lado do Atlantico, vivem a proclamar o *perigo americano* porque, até hoje, ainda não se consolaram de não ter encontrado aqui com a facilidade, que sempre imaginaram, terras uberrimas e preciosas para explorar impunemente, como si fosse o continente negro. E, si o Pacifico, em que pese ao paradoxo de escripto escriptor, não ficará um *lago americano*, porque guarda no seio o Japão para lhe agitar as vagas, os povos do Mundo Novo não terão de pagar tributo a qualquer bandeira européa, quando quizerem atravessar terras suas navegando em aguas que, de facto e de direito, constituem o seu mais caro e glorioso patrimonio.



XI

Cuba

Sr. Presidente, entremos agora em um dos pontos mais delicados deste modesto estudo — a *questão de Cuba*.

Na verdade, desde que os norte-americanos compraram, em principios do seculo findo, a Luiziania á França e, mais tarde, adquiriram a Florida, estendendo assim os seus territorios até o Mar das Antilhas, ao olhar penetrante de Jefferson desenhou-se firmemente a situação vindoura da sua patria em face das nações do Velho Mundo. «Nós temos com a Europa, dizia elle em 1823 em carta dirigida a Monroe, muito raras oportunidades de collisões; e estas, com um pouco de prudencia, poderão ser geralmente accomodadas. Quanto aos povos irmãos do continente, nenhum está ainda em idade de nos mover a guerra, e as possessões, que a Europa tem nesta e na outra America, escapam-se dia a dia de seu dominio, de sorte que brevemente estaremos livres de uma ruim visinhança. Cuba, sómente, ficará ahi, mas pouco ameaça-

dora. Si, todavia, a Inglaterra se apossar della, seria uma grande calamidade. Si, porém, fosse possível garantir-lhe a independencia perante todas as nações, salvo a Hespanha, ella ficaria sendo como si nossa fosse». E Adams accrescentava logo depois: « Ha leis de gravitação politica, como de gravitação physica; e, assim como uma nação, destacada pela tempestade da arvore, que a produziu, cahe fatalmente na terra, em virtude da lei da gravidade, assim tambem Cuba, uma vez separada da Hespanha pela força, será incapaz de se manter por si mesma e gravitará necessariamente para a União Norte Americana que, segundo a mesma lei da natureza, não a poderá repellir de seu seio».

Já nesse tempo, o governo *yankee* tentára em vão comprar aos hespanhoes a *pérola das Antilhas*. Estes que viam dia a dia diminuir os seus vastos dominios na America, com a formação das novas republicas de origem castelhana, recusaram neste sentido as mais tentadoras offeras.

Por traz da Córte de Madrid, outras ambições vorazmente se agitavam...

Desilludidos assim de satisfazerem os seus desejos, os estadistas norte-americanos esforçam-se desde então para que Cuba não passe a outras mãos mais poderosas do que as dos seus primitivos colonizadores. Recusam formalmente a proposta conjunta da Grã-Bretanha e da França, para estabelecerem as tres potencias um protectorado sobre a cubçada presa e naturalmente, mais tarde, acabarem repartindo-lhe os despojos em partes iguaes. Instam de novo para que os espanhões aceitem *cento e vinte milhões de francos* pela aquisição da ilha e, deante de mais uma solemne recusa, principiam a usar dos velhos processos do espirito imperiaalista britannico, conquistando pouco a pouco os mercados cubanos, para depois animarem os instinctos revolucionarios dos naturaes contra a metropole.

Os resultados dessa propaganda tenaz e systematica tornam-se magnificos. Em 1845, na phrase caustica de Bénoit, Cuba já dependia do dinheiro americano. Os primeiros symptomas da reacção autonomista, abafados facilmente em 1835, accentuam-se mais fortemente em 1860. O movimento revolucionario é de modo franco e decisivo encabeçado por Calixto Garcia, Maximo Gomez e Antonio Maceo. A fibra da guerra, representada pelo *dollar*, jámais faltou desde então aos insurrectos. A causa de *Cuba Livre* começou hora a hora a provocar as mais vivas sympathias na opinião *yankee*.

Esta, não ha duvida, fôra a principio quasi infensa á campanha separatista. Era que, nessa época, a influencia da Inglaterra ainda pesava mui fortemente sobre os destinos de Cuba; é, na imminencia desta passar da posse da Hespanha para a da Velha-Albion, preferivel seria que permanecesse sob o dominio dos castelhanos que, como os portuguezes, sempre foram um povo de *conquistadores-conquistados*.

Em 1868, ao contrario, quando irrompeu a guerra dos *dez annos*, a preponderancia norte-americana já era incontestavel sobre a mais formosa das Antilhas. Nem a França, que, diga-se de passagem, jámais foi uma bôa colonizadora, nem a Inglaterra, que ainda não havia encontrado na Allemanha a rival perigosa de hoje, poderia fazer-lhe mais uma concurrencia respeitavel, apezar dos importantes estabelecimentos por ambas possuidos nas ilhas vizinhas. E, si o governo de Madrid perdesse algum dia o seu preposto em Havana e Cuba não conseguisse governar-se por si mesma, o que poderia impedir que a *maçã de Adams* viesse afinal tombar em territorio *yankee*?... E, entre as duas dominações, por que não preferir ella o *self-governement*, que lhe offereceria a *Casa Branca*, á centralização atrophiadora da monarchia castelhana?...

Effectivamente, a repressão brutal e cruenta, por parte dos hespanhóes, dos primeiros movimentos insurreccionaes da ilha, cavára odios terriveis entre os naturaes e os seus dominadores. A revolução de 68 rebentára com uma violencia inesperada.

De todas as cidades dos Estados Unidos, começaram a ser enviados auxilios poderosos aos bandos insurrectos. Expedições de flibusteiros eram organizadas abertamente em territorio norte americano. Os governos da União e dos Estados fechavam os olhos. Si, no Congresso, se votavam moções de sympathia pelos cubanos em armas, nas proprias mensagens presidenciaes escreviam-se periodos em que nem ao menos se procurava occultar os sentimentos dominantes no povo e nos altos poderes do paiz.

A chancellaria de Madrid, porém, fingira satisfazer-se com a recusa da *Casa Branca* em reconhecer a belligerancia dos insurrectos; mas, tacitamente, essa belligerancia fôra mais do que reconhecida: As expedições revolucionarias nunca deixaram de ser organizadas em terra *yankee* até o dia da derrota final das tropas cubanas em 1878.

A Hespanha, entretanto, devêra ter bem comprehendido que a victoria das suas armas fôra ephémera. Um anno antes da insurreição ser jugulada, o presidente Johnson, paraphraseando as palavras propheticas de Adams, dizia que, assim como as Indias Occidentaes gravitavam naturalmente em torno dos Estados continentaes, que as deveriam absorver, assim tambem seria acto de prudencia dos norte-americanos rejeitarem qualquer solução sobre o problema de Cuba e deixarem que, afinal, viessem resolver-os as mesmas leis de gravitação...

Demais, as reprezalias sangrentas do governo hespanhol contra os insurrectos e a sua natural odiosidade para com os Estados Unidos, de cujos designios era conhecedor, pouco a

pouco iam concorrendo para uma approximação cada vez mais íntima e justificavel entre cubanos e norte-americanos. A execução summaria dos expedicionarios de um navio flibusteiro, aprisionado por uma fragata castelhana, quando navegava sob o pavilhão estrellado, excitou profundamente os animos em toda a União; e a chancellaria de Washington teve de exigir plena satisfação pelo fuzilamento de dez cubanos e de vinte e sete norte-americanos, que tantas haviam sido as victimas de tão inexoravel julgamento.

Restabelecida, porém, a paz em Cuba, é o proprio Marquez de Barral, insuspeito aos hespanhoes, quem assim se expressa :

«O pacto de Zanjón collocava de novo as cousas no pé, em que estavam na vespera da insurreição abafada. As concessões da Hespanha eram, com effeito, nada mais nada menos quasi as mesmas que promettêra Canovas del Castillo, em 1865, e que Porto-Rico houvera obtido em 1869, sem commoções nem revoltas. Era, em uma palavra, o *self-government* de Cuba sob a soberania mantida da Hespanha, uma amnistia plena e ampla e o esquecimento de tudo que se acabára de passar. Mas, ah! era tambem, confessemos, o systema das meias concessões inaugurado dez annos antes, um *self-government* mais em apparencia do que em realidade, a céga obstinação da Hespanha em não abandonar completamente a sua velha concepção do regimen colonial, que consistia em não querer vêr nas colonias senão feudos a explorar, de modo a delles tirar as maiores rendas possiveis. Era, pois, *menos uma pacificação definitiva do que um armistício*».

Assim sendo, quando os gabinetes de Madrid se resolveram a fazer uma politica mais liberal na sua preciosa possessão, concedendo-lhe franquias reaes, dando-lhe representação nas *Córtes* e governo local em moldes mais largos, e abolindo de

vez a escravidão, já era muito tarde. A vesania revolucionaria contaminára todas as classes sociaes da ilha. A revolta dos espiritos contra o jugo da metropole não tardava a manifestar-se nas acções. A propaganda *yankee* continuava a mesma de perto de quarenta annos passados, sem se precipitar, mas tambem sem parar nem retroceder.

O interessante, todavia, é que é o proprio autor francez, acima citado, que tanto accusa os governos de Washington deante da Hespanha, quem, afinal, os justifica escrevendo que, em todos os tempos e em todos os logares, factos identicos se teem dado com outras nações do Velho Continente.

« Certamente, exclama elle, todos os povos do mundo teem, por diversas vezes, empregado meios desleaes para se immiscuir nas disputas intestinas dos vizinhos sobre os quaes pretendam estabelecer a sua supremacia ou aos quaes desejem arrancar alguma parcella de territorio; mas nenhum, eu o creio, agiu com uma hypocrisia tão persistente como o norte-americano. Quando, por exemplo, a França sustentava nos Paizes Baixos o partido dos patriotas, ao passo que a Inglaterra apoiava o dos *stathouderianos*. eram os governos de uma e de outra que os subsidiavam; mas francamente se gabavam de tudo isso e eram os seus respectivos agentes officiaes que organizavam esses grupos combatentes. Quando a nossa antiga monarchia tentava demolir na Allemanha a autoridade e a preeminencia da casa d'Austria, e reunia para esse fim os principados secundarios em ligas famosas, os nossos reis assumiam abertamente o patrocínio da causa e entravam em pessoa na luta. Quando a Hespanha ajudava em França a *Liga* ou, melhor, a *Fronde*, era o seu proprio governo quem tomava a iniciativa e tratava com os descontentes. Quando a Russia desaggregava as forças da Polonia, para arruinar a autoridade real por uma anarchia incessante, era o governo de S. Petersburgo quem or-

ganizava as diversas confederações, que alli se constituíam, as subvencionava e lhes tomava o protectorado. Tudo isso era tão desleal como a conducta dos americanos em face da Hespanha; mas era mais franco!...» E acrescenta o erudito escriptor:

«Eu bem sei que ao lado destes exemplos, ha outros de governos deixando os seus nacionaes agirem sem se tornar solidarios com elles. Sei que, em nome de sua iniciativa privada, foi que Shamberg se dirigiu a Portugal, Beaufort a Chypre e a flor de nobreza de França vouu em soccorro de Washington e dos rebeldes que emprehendiam libertar a Nova Inglaterra do jugo britannico. Mas estas iniciativas individuaes não tardaram a ser seguidas por uma acção do proprio Estado. Sei que Cecil Rhodes e Jameson não foram sempre amparados peio gabinete de S. James; mas expedições militares contra o Transvaal e o Orange seguiram de perto as tentativas desses ousados pioneiros das conquistas britannicas. Sei que a Bulgaria passa o seu tempo neste momento a animar um dia para desamparar no dia seguinte os insurrectos da Macedonia; mas tem por desculpa não o poder fazer de outra fórma por causa do *vêto* da Russia e da Austria, se bem que arda de impaciencia para poder agir de vizeira descoberta. Si, todavia, os exemplos de dissimulação e duplicidade analogas ás dos Estados Unidos deante da Hespanha são numerosos na historia, eu creio que, em duração pelo menos, a hypocrisia da acção americana em Cuba possui incontestavelmente o *record*.»

O facto, porém, é que, em 1895, nova insurreição estalava na ilha, e essa acabaria dando por terra com o dominio hespanhol.

Estrada Palma, emigrado desde alguns annos em Nova York, preparára pacientemente a reacção. A chamada *delegação cubana*, favorecida á farta pelos capitalistas *yankees* e secretamente mesmo, segundo era voz corrente, pelo proprio governo federal, chegára até a armar uma esquadilha de na-

vios filibusteiros que, em multiplas viagens, haviam conduzido grande copia de armas e munições para as costas cubanas. Maceo, por seu lado, á frente de seus valorosos cavalleiros, sorprehendia as tropas espanholas, desbaratando-as completamente, emquanto Maximo Gomez, de regresso de S. Domingos, organizava tambem as suas legiões a léste da ilha.

Deante de tão graves successos, o governo de Madrid em vão procurára com a presença de Martinez Campos, em Havana, abrandar os exaltamentos dos insurrectos.

Estes continuaram a avançar de audacia em audacia: e foi então nomeado o general Weyler para assumir a defesa da causa legal.

Uma grita desesperada levantou-se logo de todas as partes contra as atrocidades attribuidas a esse famigerado cabo de guerra. A agitação contra a metropole cresceu extraordinariamente nos Estados Unidos. No Senado, houve logo quem propuzesse o reconhecimento da belligerancia aos revolucionarios; e, para justificar tão grave medida, as atrocidades inquinadas a Weyler eram narradas com as côres mais negras. E a moção foi approvada por 64 Senadores contra seis, ao mesmo tempo que a Camara tambem a acceitava por 263 votos contra apenas 16!

Entrementes, Weyler derrotava as tropas de Maceo, que succumbia heroicamente em combate. Mas, infelizmente para a Hespanha, essa victoria pouco influiu em seu beneficio. Maximo Gomez cada vez mais tornava aguerridas as suas forças; e, por seu turno, a chancellaria *yankée* offerencia a sua mediação entre os insurrectos e o Reino, o que era considerado uma affronta pelo gabinete de Madrid.

Canovas del Castillo, herdeiro do espirito tradicional da altiva Castella, repellia energicamente a proposta. Em toda a Hespanha, forte excitação se fazia sentir contra os Estados Unidos. E o presidente Cleveland, que, delegado do partido

democrata, conservava tambem ainda o culto pelas idéas do tempo da Independencia, apressava-se em fazer sentir ao paiz que, se não lhe era possivel impedir os sentimentos de sympathia do povo americano pelos revolucionarios nem evitar inteiramente que, das costas dos Estados Unidos, continuassem a partir expedições em auxilio dos mesmos, todavia considerava que não se lhes poderia reconhecer a belligerancia, o que não só seria inopportuno, como lançaria fatalmente a Republica em uma guerra ingrata com a Hespanha.

Mezes depois, Cleveland passava a presidencia a Mac-Kinley, candidato triumphante do partido republicano, a cuja frente se achavam os mais ardorosos partidarios da revolução de Cuba. Canovas era em seguida assassinado. O marechal Blanco substituiu Weyler em Havana; e o gabinete de Madrid, presidido pelo chefe do partido liberal, organizava um governo autonomo para a ilha, deante das reiteradas instancias do governo de Washington.

Estes acontecimentos, todavia, não conseguem mudar a face das cousas.

Ao passo que, em sua mensagem de 7 de dezembro de 1897, Mac-Kinley sustenta ser inopportuno o reconhecimento da belligerancia aos cubanos e declara que, deante das reformas decretadas pela Hespanha em favor da ilha, não é occasião ainda para uma intervenção entre a colonia e a metropole, as moções no Congresso Norte-Americano se multiplicam em favor da causa de Cuba. Logo em seguida, cahe nas mãos dos insurrectos e é largamente divulgada uma carta do embaixador hespanhol em Washington atacando violentamente o governo *yankee*. Este exige que, além da demissão que fôra dada logo áquelle plenipotenciario, fosse elle em publico censurado, o que é peremptoriamente recusado. Por seu lado, os Estados Unidos se negam a retirar de Havana o consul Lee que a Hespanha denuncia

como partidario declarado da insurreição. Sobrevém a catastrophe do *Maine*.

As paixões patrióticas extremam-se nos dous povos. Nem o governo de Washington nem o de Madrid pôde mais conter a corrente bellicosa.

«A opinião publica, de facto, triumphou, escreve Ribet. Antes que fosse encerrado o inquerito tecnico ordenado sobre o accidente do *Maine*, subitamente, sem causas novas, os Estados-Unidos enviaram á Hespanha um *ultimatum* que era uma perfeita declaração de guerra. A Hespanha deveria empunhar-se em socorrer os *reconcentrados* de accôrdo com os Estados-Unidos e proclamar um armisticio para que estes, intervindo, regulassem, sobre a base da independencia, uma situação definitiva entre Cuba e a metropole.

Eram condições inaceitaveis.

A Europa ficou emocionada. Compreendeu que os Estados Unidos, assim agindo, tomavam moralmente posse de toda a America; sentiu-se de novo em face do espectro inimigo de Monróe, e quiz, pelo menos, evitar uma guerra muito significativa. As potencias puzeram assim o papa na frente, propondo a arbitragem. Os Estados-Unidos fingiram acceitar com cortezia esses bons officios. E respirava-se no mundo quando, de repente, sem outra fórmula de processo, Mac-Kinley lançou a sua terrivel mensagem de 12 de abril de 1898, declarando a guerra á Hespanha!

«As hostilidades foram de pouca duração. A esquadra hespanholá, depois de se haver escondido no oceano, com tanto cuidado, que até chegaram a cognominal-a a *esquadra-fantasma*, deixava-se estupidamente bloquear em Santiago de Cuba. Alguns regimentos de infantaria e cavallaria bastaram para immobilizar as tropas espanholas existentes na ilha. Santiago capitulou em 17 de julho de 1898. A Hespanha não deveria mais pensar em proseguir em uma lucta ridicula-

mente desigual. As preliminares da paz foram assignadas em Paris a 11 de agosto e a 20 de dezembro, o tratado de Paris tornava-se definitivo. Os hespanhoes cediam as Philippinas mediante vinte milhões de *dollars* e abandonavam Porto Rico e Cuba sém que os Estados Unidos se compromettessem a ficar com a divida cubana. E a verdade é que, pela annexação do archipelago asiatico, celebrada em mensagem de 7 de dezembro, uma nova corrente de imperialismo se manifestava nos Estados Unidos e, pela tomada de posse de Cuba, o *pan-americanismo yankee* affirmava-se de vez sobre a America ».



XII

A questão mexicana

Sr. Presidente, no meu livro *Brazil and the Monroe Doctrine*, livro a que já me tenho repetidamente referido neste discurso, ha um outro capitulo em que procuro acompanhar toda a marcha da politica *yankee* em face do Mexico.

«O marquez de Barral, digo eu nesse modesto trabalho, não menos infenso aos norte-americanos do que Rihet, na sua interessantissima obra *De Monroe a Roosevelt*, estudando o desenvolvimento do imperialismo politico dos Estados Unidos, classifica-o em tres estadios successivos — a *phase invasora*, a *phase aggressiva* e a *phase mundial*.

O autor das *Transformações da Doutrina de Monroe* não fôra tão ousado sob este ponto de vista. Limitara-se a denunciar a grande Republica como sahindo apenas do seu isolamento secular e intromettendo-se subitamente nos negocios mundiaes, desde a Conferença de Haya, de 1899.

« Os Estados Unidos, escreve elle, teem no livro de seus destinos estrellas que são talismans. Na historia dos povos é unico este exemplo de um povo que, sahindo de repente da sombra, pôde logo, em consequencia de um encadeiamento de circumstancias felizes, tomar ao sol tão largo logar e ver realizados com successo seguro os elementos essenciaes e basicos das suas mais caras aspirações. »

Como phenomenos alarmantes dessa franca e perigosa intrusão dos governos da Casa Branca nos negocios internacionaes, especialmente do velho mundo, critica então o erudito escriptor francez a attitudo assumida pelos delegados norte-americanos naquella famosa conferencia provocada pela Russia. Mostra depois que a politica *yankee*, só devendo ter um interesse, até certo ponto justificavel, nas questões do Extremo Oriente, procurou, entretanto, por todos os meios um pretexto para intervir na Turquia e na Rumania, e fello de modo ruidoso e brutal, a proposito das perseguições religiosas afim de dar a perceber arrogantemente ás potencias europeas que, nas margens do Bosphoro, a União Americana não se achava atada por laço algum aos que alli se proclamavam com direitos de acção exclusiva e que estava acima da questão do Oriente, porque se considerava acima da propria Europa. Finalmente, atacando com aspereza a attitudo do governo de Washington pelo seu protesto contra os morticínios de judeus em Kichineff e louvando a energia e altivez com que a Russia repelliu essa tentativa de intervenção na sua politica interna, profligando, por sua vez, a barbaria dos lynchamentos na Norte-America, affirma que a conducta do ex-presidente Roosevelt nesse negocio ficará como mais um espantoso symptoma do imperialismo politico e moral de uma nação, que, guardando com um ciume feroz um continente inteiro, ainda pretendia metter-se na vida domestica dos Estados que assim afastava a todo transe de suas plagas.

O marquez de Barral é mais profundo e minucioso em suas observações. Analysa o imperialismo político dos Estados Unidos como uma verdadeira diathese do seu organismo nacional, desenvolvendo-se lenta e progressivamente, desde os primeiros annos de sua formação independente. Para elle, a formula suprema das ambições *yankees* é fazer a America uma só nação e, com ella, dominar o mundo.

A annexação do Texas aos dominios norte-americanos foi, na opinião desse autor, o primeiro passo dos Estados Unidos na *phase* invasora do seu imperialismo nascente, como, na *phase aggressiva*, inclue a tutela sobre Cuba; mas é elle mesmo quem nos descreve que, só depois de muita relutancia e diante do perigo imminente de ver esse territorio importantissimo do continente cair na posse da Inglaterra, ou da França, ou da Hollanda, foi que os poderes publicos da União se decidiram a attender ás reiteradas solicitações dos habitantes dessa região, anciosos de sairem do longo e cruento periodo de guerras e discordias civis em que se estavam debatendo ha cerca de trinta annos seguidos,

Na verdade, o Texas, libertando-se do jugo hespanhol, em 1912, nunca teve um só instante de paz e de tranquillidade, procurando desde então, ora viver independente, ora unir-se ao Mexico, ora aos Estados Unidos. Estes, todavia, sempre recusaram accetar propostas neste sentido; e quando, em 1816, o general norte-americano Mac Gréger invadiu por sua conta esse Estado, entregue á mais feroz das tyrannias, e procurou entregal-o á sua patria, o governo de Washington reprovou-lhe a conducta, desfazendo todos os actos precipitados e irreflectidos que houvera praticado.

Mais tarde, tendo comprado a Luiziania á França e a Florida á Hespanha, os Estados Unidos ainda não quizeram receber as offerlas do Texas, que acabara, aliás, de sair victorioso da tormentosa guerra sustentada contra o Mexico.

Em 1840, entretanto, a situação continental desse agitado paiz tocara á phase sombria da mais aguda dissolução politica. Algumas potencias européas, em vista da attitude guardada no negocio pelos governos americanos, descobriram de mais as suas intenções de fazer afinal do Texas mais uma colonia de posição admiravel no golfo do Mexico. O presidente Tyler então se decidiu a assignar o tratado de 12 de abril de 1844, annexando-o aos dominios americanos; mas, por causa da attitude hostile do Senado, só um anno depois foi esse convenio definitivamente concluido.

Do mesmo modo que o Texas, o Yucatan, trabalhado pela mais cruenta anarchia, havia appellado diversas vezes para os Estados Unidos, e tambem para a Inglaterra e para a Hespanha, instando por uma intervenção energica e reparadora que o salvasse da situação afflictiva em que se debatia deante do governo do Mexico, impotente para lhe garantir as liberdades civicas e a ordem institucional.

A opinião publica mexicana, porém, já se excitara sobremaneira com a incorporação do Texas. A guerra entre as duas Republicas limitrophes afigurava-se inevitavel; e, si os Estados Unidos fossem ao encontro do appello daquella provincia, flagellada embora por tão lutulentas discordias intestinas, não só o rompimento de hostilidades teria toda a justificação por parte do Mexico, como tambem um tal acontecimento poderia alarmar as outras nações da America Central e do Sul.

Na verdade, como faz notar illustre escriptor, o Yucatan, situado na America Central, não se achava como o Texas, contiguo ás provincias da União. E, além disso, para o Yucatan, não teria o governo *yankee* a mesma desculpa que em relação ao Texas, de se tratar do appello de um paiz independente e, por conseguinte, senhor dos seus destinos e livre para entregar a outro Estado, a sua propria soberania. Jámais essa

região houvera feito declaração de independência e era oficialmente, ao menos, uma simples provincia do Mexico. Apoderar-se della seria praticar um acto de *conquista directa*.

A guerra, entretanto, não tardava a romper entre os Estados Unidos e o Mexico, que não se conformava com a perda do Texas. Os seus exercitos invadiram a grande Republica que respondeu a esse acto de aggressão com o bloqueio e a tomada de portos importantes do paiz inimigo. A luta tornou-se porfiada e sangrenta. Durante tres annos o Mexico valorosamente procurou resistir ás forças sempre crescentes e victoriosas da União Americana. Finalmente, foi forçado a acceitar a paz com o tratado Guadalupe-Hidalgo, pelo qual teve de ceder ao seu contendor a California e o Novo Mexico!...

O Yucatan, entretanto continuara sob os seus dominadores primitivos. Razões historicas e geographicas não haviam concorrido, como em relação a estas duas ex-provincias mexicanas, para a sua incorporação ao territorio da União.

Esta, pelo tratado de paz, havia sem duvida accentuado de modo mais decisivo as suas fronteiras no continente. Mas, si a doutrina de Monrõe não poderia permittir que tão importante região se tornasse de um dia para outro uma possessão européa, igualmente não justificaria que passasse ella a fazer parte do territorio dos Estados Unidos, com os quaes não tinha affinidades ethnicas ou politicas e nem ao menos confinava.

Analysando o tratado Guadalupe-Hidago e a propria guerra entre o Mexico e a União Americana, os autores europeus, que teem escripto sobre o assumpto, mostram-se severos para os governos da Casa Branca.

E' preciso, porém, não esquecer que, de 1845 a 1848, quando estes successos se passavam, a situação dos Estados Unidos, si não era tão precaria e sombria como a da sua

vizinha meridional, não se poderia considerar também muito lisongeira e tranquilla. A expedição franceza ao Mexico coincidia com a Guerra de Secessão. Si o imperialismo do Velho Mundo, representado então, pela Grã-Bretanha e pela França, se quiz aproveitar da anarchia sanguisedenta reinante no povo mexicano, para alli implantar um novo imperio e, com esse novo imperio, ir alastrando as suas conquistas para o norte e para o sul, a União Americana, ameaçada por seu lado de imminente desmembramento, sentiu-se logo golpeada na questão do Oregon com a Inglaterra e, nessas duras contingencias, teve a consciencia, pelas tentativas aqui e allii feitas nas duas Americas para desmoralizar os principios de Monroe, de quanto elles valiam na defesa da integridade e da autonomia das nações do Mundo Novo.

E' um dos escriptores francezes mais citados neste trabalho, o próprio a se trahir quando nos desereve as tremendas conjuncturas em que se achara então a Casa Branca.

«Jámais a Europa, diz-nos elle, mostrou maior acrimonia nas suas relações com o novo mundo e testemunhou mais veleidades de se intrrometer na sua vida interna, do que a partir do momento em que ficou evidenciado que o principal campeão da autonomia das duas Americas e do principio da não intervenção européa se encontrava na impossibilidade de apoiar pelas armas os seus protestos. Todas os canhões dos Estados Unidos estavam occupados na luta fratricida que os ensanguentava; como poderiam, pois, distrair alguns para impedir, por exemplo, que as frotas combinadas da Inglaterra, da França e da Hespanha se apoderassem dos principaes portos do Mexico?

Foi o que aconteceu no momento em que irromperam as primeiras hostilidades entre esclavagistas e anti-esclavagistas nos Estados Unidos da America.»

Agora, acrescenta elle, procurando emphaticamente justificar a acção conjugada das potencias europeas nos negocios americanos:

«A incrível anarchia, em que se encontrava mergulhado o Mexico, desde a sua independencia, os assassinatos de nacionaes e estrangeiros, as pilhagens de propriedades pertencentes a europeus, as recusas systematicas de conceder indemnizações, ou concedidas estas, os subterfugios para não as pagar, a falta de execução pelo presidente Juarez dos compromissos financeiros assumidos pelo seu predecessor e rival, Miramon, para com Jecker, um suíço naturalizado francez, em uma palavra, tudo que temos tornado a ver na Venezuela nestes ultimos tempos, era o que constituia as queixas justas de diversos Estados europeus e, sobretudo, da Inglaterra, da Hespanha e da França.

Das tres, era exactamente esta ultima, que havia feito valer reclamações menos graves; mas, em todo o caso, menos indiscutíveis. E foi, todavia, a que se empenhou mais fundamentalmente na luta e acabou por ficar isolada.

Era que tinha por soberano um sonhador de concepções mais grandiosas e mais cavalheirescas do que praticas. Era que Napoleão III imaginava oppôr á supremacia crescente da raça anglo-saxonia, na America, como na Europa, uma formidavel união do povo latino. E, além disso, começava a sentir a necessidade de organizar uma expedição, como derivativo ás suas preoccupações da politica interna, desde que o paiz acabava de se habituar de novo aos successos e ás victorias nos campos de batalha da Criméa e da Italia, e acreditava que nada lhe seria mais impossivel...»

E continúa o mesmo escriptor, tentando sempre desculpar as ambições dos governos europeus, especialmente o da sua patria.

« No começo, a expedição ao Mexico não tinha por fim a intervenção politica, nem o apoio e a imposição pelas armas, de modificações constitucionaes naquelle paiz. A Hespanha, a França e a Inglaterra eram apenas credores que haviam perdido a paciencia e exigiam, em favor de seus nacionaes, indemnizações pecuniarias pelo passado e garantias seguras para o futuro. Foi sob este programma que essas tres potencias se uniram pelo tratado de 31 de outubro de 1861, e convidaram os Estados Unidos a formular reclamações analogas.

No preambulo dessa convenção as altas partes contraentes tiveram o cuidado de expôr os motivos e o alcance da intervenção. Affirmaram, em seguida, o seu desinteresse, compromettendo-se a não tentar acquisição alguma de territorio e a não exercer qualquer influencia que attingisse á independencia e á autonomia do Mexico. Mas, o que não escreviam no tratado e o que diziam reservadamente na troca de vistas e de palavras sobre o assumpto, é que estavam certas de que o paiz, assim tão fundamente perturbado, não poderia ser pacificado, de um modo serio e definitivo, sinão por uma autoridade mais firme e mais estavel do que a dos varios presidentes que ahi eram depositos a cada momento. E, por conseguinte, o que veriam com prazer, seria o Mexico adoptar uma Constituição monarchica e aceitar por soberano um dos principes das familias reinantes no velho mundo. E o candidato estava mesmo antecipadamente designado: era o archiduque Maximiliano d'Austria, irmão do imperador Francisco José!

A França pensaria assim as chagas da guerra da Italia e ficaria perdoada das suas complacencias para com Victor Emmanuel, auxiliando um Habsbourg a subir a um novo throno.

A Inglaterra, bem que pouco enthusiasmada por esses planos de Napoleão, declarava, todavia, que, si os mexicanos applaudissem a escolha desse principe, não se opporia á fórma que se traduzisse em realidade. Attribuia-se essa con-

descendencia ao facto de ser a esposa do candidato primária do príncipe consorte, filha desse famoso Leopoldo I, da Belgica, o qual passava por exercer sobre o espirito da rainha Victoria uma grande influencia.

A Hespanha, por seu lado, não possuia príncipes para propôr, uma vez que a corôa passára já de Fernando VII para Isabel, que tinha apenas um filho. Sentir-se-hia, naturalmente, satisfeita por ser chamado ao novo throno da America um descendente illustre de Carlos V.

Não tardava assim que a triplice esquadra, carregada de numerosas tropas, singrasse rumo ao Mexico e fosse postar-se em face de Vera-Cruz. A frota era commandada pelo general hespanhol Prim; e, á vista d'elle, o presidente Juarez offerceu pagar todas as indemnizações, que lhe eram reclamadas e dar penhores seguros de que as suas promessas seriam fielmente cumpridas.

A Hespanha e a Inglaterra deram-se por satisfeitas, assignando o tratado de Soledade, em 19 de fevereiro de 1862; mas o plenipotenciario francez recusou subscrever o tratado e exigio que, além daquellas indemnizações reclamadas, pagasse ainda Juarez a divida de Jecker contrahida pelo chefe revolucionario Miramon, seu rival, que acabava de ser derrotado. Juarez recusou; e então o imperador dos francezes, que só esperava um pretextó para agir, ordenou ás suas forças que rompessem as hostilidades contra o presidente mexicano.

Um corpo do exercito desembarcou em Vera-Cruz sob o commando do general Forey.

A expedição começou por um revez, em Puebla, o que exaltou o patriotismo dos naturaes na resistência que durou mais de um anno. Mas, afinal, em 18 de maio de 1863, Puebla capitulava; Juarez fugia para o norte, onde tentava organizar uma nova resistencia; e, a 3 de junho, as tropas francezas faziam a sua entrada triumphal em Mexico.

Forcy, doente, havia passado o commando a Bazaine. Foi este ultimo que convocou a Constituinte que não tardava a decretar que, dali em diante, o Mexico seria um imperio constitucional, sendo offerecida a corôa ao candidato de Napoleão, o archiduque Máximiliano.

Este bem relutou em ir assumir o posto que lhe haviam designado, como que presentindo o tragico destino que o aguardava. E só depois que um plebiscito, feito embora sob o peso das armas francezas, revalidou a sua problematica elevação ao throno, foi que se resolveu a partir.

Sabe-se o resto. Apenas desembarcado em Vera-Cruz, em maio de 1864, pôde logo verificar que, em lugar de um soberano, não era mais do que o chefe de uma facção politica, um simples Miramon. Juarez estava senhor dos sertões e derrotava os partidarios do novo regimen em constantes guerrilhas. Não poderia subsistir sem o apoio incessante das armas napoleonicas. O seu bom senso indicava-lhe de momento a momento o perigo. Infelizmente, conselheiros imprudentes pezaram de mais sobre o seu espirito e decidio-se a ir até ao fim da perigosa partida em que se empenhára... »

E ahí, bem poderia terminar a sua parcialissima narrativa o illustre escriptor francez; mas a justiça historica fallou-lhe não obstante mais alto na consciencia do que a egeueira patriótica obscurecera o coração, e não pôde deixar de fazer esta derradeira confissão:

«E' certo que, durante esse tempo, o governo de Washington mostrava-se pezaroso de não se poder oppôr aos acontecimentos, que se desenrolavam no Mexico, e que eram uma tão humilhante resposta da Europa ás affirmações da mensagem de 1823, sinão por protestos diplomaticos. Mas é preciso que se lhe renda a devida justiça e é que, no meio mesmo da guerra civil e apezar dos embaraços que

esta lhe causava, não renunciou um só instante ao seu programma e nunca abandonou os seus principios.

Ao convite das potencias para se juntar a ellas e forçar o Mexico a pagar as suas dividas, respondeu offerecendo-se para vir pecuniariamente em soccorro do governo de Juarez. A' invasão franceza, oppoz o mais energico protesto. A' eleição de Maximiliano, replicou recusando reconhecer a sua fragil realza.

«Entretanto, a luta continuava entre os partidarios de Maximiliano e de Juarez. O joven imperador, uma vez decidido a conquistar pelas armas a corôa que tanto havia desejado receber do consenso unanime do paiz, lançou-se na luta com verdadeiro furor. Escutando em má hora áquelles que o aconselhavam a acabar com a resistencia aterrorizando os seus advérsarios, baixou o famoso decreto prohibindo ás suas tropas fazerem prisioneiros. E logo em seguida dous chefes republicanos, Artiga e Salazar, eram fuzilados em cumprimento do fatal decreto...

«A indignação, levantada por essas execuções, foi profunda na Europa e na America. Os Estados Unidos, que acabavam de reconquistar o direito de fallar alto, com a cessação da sua guerra civil, aproveitaram o ensejo para convidar o governo francez a retirar as suas tropas do Mexico. O gabinete de Washington poz o imperador Napoleão deante deste dilemma; que mais de um orador synthetisava no Congresso Americano pelo brado — *Withdraw or fight!!* e a impressão que se leve, foi que o prolongamento da occupação franceza seria em breve a guerra declarada com os Estados Unidos.

Seria prudente lançar-se o imperador dos francezes em uma nova aventura? Seria acto de sabedoria immobilizar forças navaes consideraveis e remetter novos contingentes do exercito para além do oceano?

A esse tempo, ás velleidades da aproximação com a Austria succediam uma nova *entente* com a Italia e cortezias diplomaticas com a Prussia. Napoleão não tinha mais o mesmo interesse de tres annos antes de fazer sacrificios para conservar a corôa do Mexico sobre a fronte de um archiduque da Austria. Debalde, o infeliz Maximiliano fez com que a imperatriz Carlota partisse para a Europa afim de supplicar apoio ao soberano francez e a outros monarchas. As forças imperiaes foram retiradas do Mexico, ao mesmo tempo que Napoleão procurava ainda captar a boa vontade dos Estados-Unidos a favor de Maximiliano, permittindo á Nicaragua declarar caduca a concessão feita a Belly para a abertura do canal interoceanico e denunciar o tratado em que concedia á França a policia desse mesmo canal.

Tudo, porém, foi inutil. O governo *yankee* continuou firmemente a hostilizar o novo imperio mexicano. O desenlace tornou-se fatal; e Maximiliano, abandonado a si mesmo, foi feito prisioneiro em Queretaro e fuzilado a 19 de junho de 1867.

«A doutrina de Monroe triumphava!»

Com effeito, a tragedia de que foi protagonista o desventurado archi-duque Maximiliano, deveria ter profundamente impressionado a Europa. Com a queda do throno mexicano, não eram os Estados Unidos que de novo se soerguiam na phrase do illustre escriptor que acabamos de citar, para fazer pesar ainda mais sobre toda a America independente a sua arrogante hegemonia; eram, ao contrario as nações todas do continente que viam asseguradas as suas autonomias pela fórmula feliz em que puderam abroquelar a liberdade, desde o berço das suas instituições politicas.

E quanto ao Mexico, ainda hoje, como hontem, naturalmente a attitude da politica americana não poderá deixar de ser da mais constante e cautelosa vigilancia sobre os seus

destinos. Trabalhado de novo pelas mais cruentas discordias civis, exposto a toda a sorte de calamidades publicas, é um visinho cuja sorte ha de forçosamente interessar de perto á patria de Washington.

O *perigo americano*, que tanto impressiona a Europa, não é menos incommodo para o velho mundo do que o *perigo nipponico* para o *yankee*; e, si bem que a integridade politica da nação mexicana deva ser sagrada para os Estados Unidos, como estão no dever de defendel-a todas as outras republicas da America, não se póde negar a estes o interesse de procurarem ter sempre alli governos amigos e de velarem para que o inimigo occulto, que já tentou subrepticamente implantar-se no seu proprio seio, não vá fazer um dia, das terras limitrophes ás suas, uma poderosa base de operações militares...



XIII

Brazil e Estados- Unidos

Sr. Presidente, si é assim, como acabamos longamente de demonstrar, a posição politica dos Estados Unidos em face do concerto das grandes potencias mundiaes; si, tanto quanto as suas mais instantes necessidades de ordem internacional, é o proprio instincto de conservação da sua nacionalidade que tem frequentemente impellido os seus governos a manterem para com os mexicanos uma conducta que mais de uma vez ha provocado serias irritações e protestos fóra e dentro mesmo do nosso continente, isso não quer dizer que formemos sempre ao seu lado como patrulha dedicada e decidida, dadas a amizade constante e a alliança moral que, ha perto de um seculo, nos vem ligando na evolução do Novo Mundo, desde que, directa ou indirectamente, não sintamos em jogo os nossos destinos ou os mais caros e effectivos interesses americanos.

O que, porém, não podemos nem devemos fazer, é nos collocarmos sem maior exame em terreno 'hostil a essa Republica amiga, ou nos alistarmos nas fileiras dos que systematicamente a combatem com todas as armas e por todos os meios.

O mais que patrioticamente nos é licito demonstrar, é a nossa magua ou a nossa estranheza todas as vezes que se nos afigurar que os seus homens de Estado seguem caminho errado formulando votos para que mudem de orientação e de rumo, como a esta hora, com pezar o dizemos, acontece ao Presidente Wilson que, em face do conflicto europeu infelizmente não parece estar comprehendendo o momento historico que atravessa o universo e vae representando um papel que não o collocará sem duvida ao nivel dos grandes 'estadistas que, de Washington a Cleveland, com raras excepções, tanto souberam illustrar e fortalecer a sua Patria, exposta amanhã a soffrer, quiçá, provações amargas como jamais experimentou um dia em toda a sua gloriosa existencia de povo livre, independente e forte...

O Brazil e os Estados Unidos não podem deixar, por segurança reciproca e communs necessidades politicas, de marchar sempre juntos no continente, assim como, em face da politica europea, o verdadeiro caminho que temos a seguir, é cada vez mais nos approximarmos da Allemanha que, além de ser alli o paiz mais culto e mais nosso amigo, é o que melhor serve aos nossos interesses economicos e mesmo sociaes.

Quanto aos Estados Unidos, em 1913, quando me coube a honra de saudar o Sr. Theodor Roosevelt em sua passagem por esta cidade, eu já assim me exprimia: However it may be one thing is certain, and that is: as Brazil and the United States are the only nations of the continent, which have not the same ethnic origin and which do not speak a common language, it behooves them to cherish in incresasingly this na-

tural and spontaneous alliance, which for nearly a century now has been morally binding them together as sister-nations, the two greatest powers of the New-World, and consequently the chief heralds, which they must never cease to be, of peace, of order and of the political liberties of all America.

Por seu turno, o presidente Rodrigues Alves, em uma das suas primeiras mensagens de abertura do Congresso Nacional, já escrevia: «Tenho grande satisfação em ver que, cada vez mais, se estreitam as relações de cordial amizade entre o Brazil e os Estados Unidos. Concorrendo para isso, não tenho feito mais do que seguir a politica traçada desde 1822 pelos fundadores da nossa independencia e invariavelmente observada por todos os Governos que o Brazil tem tido.»

E Rio Branco, em interessante monographia que *A Revista Americana* reproduziu logo após a sua morte, fez mesmo um dia a resenha historica de todos os actos e documentos que foram pouco a pouco cimentando essa politica de aproximação, a ponto de quasi a transformar, sem necessidade de tratado, em uma perfeita alliança para defesa dos mais altos e sagrados destinos das duas Americas.

Demonstrava assim o immortal patriota que, antes mesmo da Independencia e da proclamação do Imperio, já Pedro I, aconselhado por José Bonifacio, que lhe redigira o manifesto de 6 de agosto de 1822, no qual alludira á necessidade de manter o Brazil e as outras nações agentes diplomaticos, que mutuamente as representassem, nomeava um plenipotenciario junto ao governo de Washington, fazendo notar que os Estados Unidos foram o primeiro paiz que reconheceu o novo Imperio, ao contrario do que erradamente avancara Eduardo Prado, na sua *Illusão Americana*.

Recordava que, dous mezes após a publicação da mensagem do presidente *yankee*, de 3 de dezembro de 1823, for-

mulando a chamada *Doutrina de Monröe*, o Brazil apressava-se em adoptal-a, antecipando-se aos demais povos do continente.

Nas instrueções, enviadas por Carvalho e Mello, então ministro dos Estrangeiros ao encarregado de negocios do Brazil junto á *Casa Branca*, mandava-se que sondasse a disposição da chancellaria americana *para uma liga offensiva e defensiva com o Imperio, como parte do continente americano*. E tres annos depois o marquez de Aracaty, então á frente da pasta dos Estrangeiros, ainda recommendava ao plenipotenciario brasileiro na grande Republica para que *se empenhasse em provar a essa Nação que S. M. o Imperador, em sua alta politica, muito bem calculada, conhecia muito bem o que valia essa mesma Nação e quanto interessava a ambos os paizes que os seus respectivos governos estreitassem com muita especialidade as suas relações politicas e se dessem mutuamente as mãos...*

Transcrevia então Rio Branco as palavras de Pereira Pinto, quando, em 1865, affirmava que «cimentadas as relações de *bôa alliança* com os Estados Unidos, *tinham ellas continuado, no pé de perfeita cordialidade* não as alterando de fórma alguma ligeiros incidentes ou conflictos occorridos em differentes épocas». Enumerava em seguida todos esses casos internacionaes que se deram e foram sempre resolvidos com brilho para a nossa patria, punindo severamente os governos americanos os seus agentes, que entre nós não se portaram com a devida estima, correccção e cortezia, e dando-nos sempre promptas e cabaes satisfações. Desentranhava ainda do olvido trechos de um trabalho em que aquelle eminente internacionalista, louvando os desejos dos Estados Unidos, de firmarem uma mais íntima alliança com o Brazil, dizia que «si tal já se tivesse dado, ter-se-hia evitado quiçá a inqualificavel interferencia da Hespanha e da França nos negocios

do Mexico e do Perú e as affrontas que as nações poderosas da Europa tinham infligido aos povos fracos do Novo Mundo ».

Citava, como complemento as palavras memoraveis de Tavares Bastos quando affirmava que « si quizessemos chegar á Europa deviamos começar por nos approximarmos da America do Norte, por que estava convencido de que, mesmo sob o ponto de vista politico, as relações com a grande Republica eram as que mais convinham ao Brazil ». Finalmente, depois de mostrar que Pedro II e com elle os maiores estadistas do segundo reinado, foram sempre ardorosos apologistas dessas mesmas idéas, concluia enumerando as altas provas de estimadas em todos os tempos pelos governos de Washington aos brasileiros, fazendo cessar em 1836 a occupação do Amapá pelos francezes e evitando a sua conquista já ultimamente, em 1895, por uma expedição, organizada pelos Srs. Hannoteaux e Lebon, como ministros dos Estrangeiros e das Colonias; conseguindo que o nosso paiz dêsse um arbitro em 1872 ao tribunal de Genebra, que resolveu a grave questão do Alabama; investindo o plenipotenciario brasileiro de presidente do tribunal arbitral franco-americano em 1880; não admittindo durante a Guerra de Cessação que se fallasse em outro mediador a não ser um representante nosso; em synthese, não consentindo que a soberania do Brazil fosse de leve melindrada, durante o periodo mais agudo da questão do Acre, e jamais levando em conta as intrigas, com que, em torno da Casa Branca, mais de uma vez se tem procurado esfriar a secular amizade que ininterruptamente vem ligando de 1822 até hoje as duas maiores republicas do continente.

E essa amizade, Sr. Presidente, o proprio Rio-Branco, mais do que todos, soube desenvolver sobre bases mais solidas, através do espirito incomparavel de Joaquim Nabuco, que, incontestavelmente, a consolidou em uma série de feitos diplo-

máticos que, mais do que á gratidão nacional, o recommendaram ao reconhecimento eterno de todos os povos sul-americanos, de cujas liberdades se tornou o apostolo e o invencivel defensor nos mais graves como nos mais bellos torneios internacionaes. (*Muito bem, muito bem; apoiados*).



XIV

Conclusão

Senhores, si esta tem sido sempre a politica nobre, elevada e sã, seguida pelo Brazil, quer no Imperio, quer na Republica, para com os Estados Unidos, nunca deixamos de prezar tambem na mais alta conta a amizade e as boas relações de todos os outros paizes do continente. Essa orientação jamais foi, um instante, um só, alterada, através de todas as phrases agittadas da evolução nacional. E, ao descer ao tumulo, o maior dos nossos diplomatas, já se sentia immortalizado na Historia, por haver, a golpes de audacia, de energia e de clarividencia, assegurado, para longos annos, a confraternização dos povos americanos.

Attentar, portanto, neste instante, contra essa politica tradicional, quando é o unico reducto que victoriosamente ainda se mantém de pé, no meio da crua anarchia que convulsiona o paiz, ou imaginar fazer obra nova, por vaidade vã ou subitos enthusiasmos doutrinarios, renegando um passado tão glorioso

e tão bello, seria como que ferir, em pleno coração, a nacionalidade brasileira, porque essa obra ingente, cujo remate triumphal o segundo Rio-Branco teve a fortuna de symbolizar, não representa apenas a acção genial de um cerebro, mas a synthese dos esforços successivos de duas gerações de estadistas illustres que, durante largas etapas no Imperio, souberam sabiamente preparar, com a paz continental e a unidade da Patria, um futuro de grandezas e prosperidades sempre crescentes, para a Republica. (*Muito bem, muito bem. O orador é vivamente complimentado.*)

APPENDICE



Tratado entre a Republica dos Estados Unidos do Brazil, Argentina e Chile, para facilitar a solução pacifica das controversias internacionaes

Tratado entre la República de los Estados Unidos del Brasil, Argentina y Chile, para facilitar la solución pacifica de las controversias internacionales

Os Governos da Republica dos Estados Unidos do Brazil, da Republica Argentina e da Republica do Chile, no desejo de afirmar neste momento a intelligencia cordial que a communhão de ideaes e interesses creou entre os seus respectivos paizes, e de consolidar as relações de estreita amizade que os ligam, conjurando a possibili-

Los Gobiernos de las Repúblicas de los Estados Unidos del Brasil, Argentina y Chile, en el deseo de afirmar en esta oportunidad la inteligencia cordial que la comunidad de idéales é intereses ha creado entre sus respectivos países y de consolidar las relaciones de estrecha amistad que los vinculan, conjurando la posibilidad de

dade de conflictos violentos no futuro; de accôrdo com os designios de concordia e de paz que inspiram a sua politica internacional e com o firme proposito de cooperar para que se torne cada vez mais solida a confraternidade das Republicas americanas, tendo em vista que os vigentes Tratados de Arbitramento entre o Brazil e o Chile, de 18 de maio de 1899, entre a Republica Argentina e o Chile, de 28 de maio de 1902, e entre a Republica Argentina e o Brasil, de 7 de setembro de 1905, que consagraram o arbitramento como unico meio de resolver todas as controversias de qualquer natureza que surgirem entre elles, exceptuaram deste recurso, o primeiro dos referidos Tratados, as questões que não pudessem ser formuladas juridicamente, e, os dous ultimos, as que entendessem com os preceitos constitucionaes dos Paizes contractantes: Resolveram adoptar agora uma nôrma de proce-

conflictos violentos en el porvenir; consecuentes con los designios de concordia y de paz que inspiran su politica internacional y con el firme propósito de cooperar á que cada dia se haga más sólida la confraternidad de las Republicas americanas; teniendo presente que los Tratados vigentes de Arbitraje entre Chile y Brasil, de 18 de mayo de 1899, entre la República Argentina y Chile, de 28 de mayo de 1902, y entre la República Argentina y el Brasil, de 7 de setiembre de 1905, que consagraron el arbitraje como el único medio de solucionar todas las controversias de cualquiera naturaleza que surgiren entre ellos, exceptuaron de este recurso el primero de los referidos Tratados aquellos cuestiones que no puedan ser formuladas juridicamente, y los dos últimos las que afectan a los preceptos constitucionales de los países contractantes: han resuelto adoptar ahora una norma de procedimiento que

dimento que facilite a solução amigavel das questões exceptuadas do arbitramento, em virtude dos alludidos pactos, e para este fim concordaram em celebrar um tratado especial, nomeando os plenipotenciarios seguintes:

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o Sr. general Dr. Lauro Müller, ministro de Estado das Relações Exteriores;

O Presidente da Republica Argentina o Sr. Dr. José Luis Murature, Ministro Secretario de Estado no Departamento das Relações Exteriores e Culto;

O Presidente da Republica do Chile o Sr. Dr. Alejandro Lira, Ministro Secretario de Estado no Departamento das Relações Exteriores;

Os quaes, depois de trocados os seus plenos poderes, achados em boa e devida forma, convieram no seguinte:

facilite la solución amistosa de las cuestiones que quedaron excluidas del arbitraje en virtud de dichos pactos y para este fin han convenido en celebrar un Tratado especial nombrando al efecto los siguientes Plenipotenciarios:

El Presidente de la República de los Estados Unidos del Brasil al Señor General Doctor Don Lauro Müller, Ministro de Estado de Relaciones Exteriores;

El Presidente de la República Argentina al Señor Doctor José Luis Murature, Ministro Secretario de Estado en el Departamento de Relaciones Exteriores y Culto;

El Presidente de la República de Chile al Señor Doctor Don Alejandro Lira, Ministro Secretario de Estado en el Departamento de Relaciones Exteriores;

Los cuales, despues de haberse comunicado sus Plenos Poderes que hallaron en buena y debida forma han convenido lo siguiente:

ARTIGO I

As controversias, que, por qualquer motivo originadas no futuro, surgirem entre as Tres Partes Contractantes ou entre duas dellas e que não tiverem podido ser resolvidas por via diplomatica, nem submittidas a arbitramento, de conformidade com os tratados existentes ou com os que forem celebrados posteriormente, serão submittidas ao exame e parecer de uma Commissão Permanente, constituida pela fórmula estabelecida no Art. III. As Altas Partes Contractantes se obrigam a não praticar actos hostis, emquanto a Commissão, creada pelo presente Tratado, não tiver dado o seu parecer, ou não houver decorrido o prazo de um anno de que trata o Artigo V.

ARTIGO II

Fica entendido que o disposto no Artigo precedente não restringe de maneira alguma os compromissos esta-

ARTICULO I

Las controversias que por cualquiera cuestión originada en lo futuro surgieren entre las Tres Partes Contractantes ó entre dos de ellas y que no hubieren podido ser resueltas por la via diplomática, ni sometidas á arbitraje, de acuerdo con los Tratados existentes o con los que ulteriormente se ajustaren, serán sometidas á la investigación é informe de una Comisión Permanente constituida en la forma que establece el Artículo III. Las Altas Partes Contractantes se obligan a no practicar actos hostiles hasta despues de haberse producido el informe de la Comisión que establece el presente Tratado é transcurrido el plazo de un año a que se refiere el Artículo V.

ARTICULO II

Es entendido que lo estipulado en el Articulo precedente no restringe en nada, ni los compromissos establecidos en

belecidos pelos Tratados de los Tratados de arbitraje, arbitramento, actuaes ou futuros, celebrados entre as Altas Partes Contractantes, ni la obligación de cumplir los fallos arbitrales en las cuestiones que segun esos Tratados hayan sido ó fueren resueltas por arbitraje.

belecidos pelos Tratados de arbitramento, actuaes ou futuros, celebrados entre as Altas Partes Contractantes, nem a obrigação de cumprir os laudos arbitraes nas questões que, de conformidade com os referidos Tratados, tenham sido ou forem resolvidos por arbitramento.

ARTIGO III

Para constituir a Comissão Permanente, a que se refere o artigo primeiro, cada uma das Altas Partes Contractantes designará um Delegado, dentro dos tres mezes seguintes á troca das ratificações do presente Tratado. Cada Governo poderá revogar o acto de nomeação de seu Delegado, em qualquer momento antes do inicio do exame, devendo, porém, nomear o substituto no proprio acto da exoneração. A vaga occorrente por outras causas será preenchida pelo Governo respectivo e não suspenderá os effeitos das

ARTICULO III

Para constituir la Comisión Permanente a que se refiere el articulo primero, cada una de las Altas Partes Contractantes designará um Delegado, dentro de los tres mezes despues de canjeadas las ratificaciones del presente Tratado. Cada Gobierno podrá revocar el nombramiento de su propio Delegado en cualquier momento antes de iniciada la investigación, debiendo, sin embargo, designar el reemplazante en el mismo acto en que se produzea la revocación. La vacante que ocurriere por otras causas será llenada por el

disposições do presente Tratado. Gobierno respectivo y no suspenderá los efectos de las disposiciones establecidas por este Tratado.

ARTIGO IV

As controversias de que trata o artigo primeiro, serão submettidas ao exame e parecer da Comissão immediatamente após ao insuccesso das negociações diplomaticas destinadas a resolvê-las. Qualquer dos Governos, interessados na controversia, poderá fazer a convocação da Comissão, para cujo effeito será sufficiente a communicação official desta decisão aos outros dous Governos.

ARTICULO IV

Las controversias, a que se refiere el Articulo I, serán referidas para su investigación é informe a la Comisión inmediatamente despues que las negociaciones diplomaticas hayan fracasado para solucionarlas. Cualquiera de los Gobiernos interesados en la controversia podrá hacer la convocatoria respectiva para cuyo efecto bastará comunicar oficialmente esta decisión a los otros dos Gobiernos.

ARTIGO V

A Comissão Permanente se constituirá na cidade de Montevidéo, dentro de tres mezes depois de sua convocação, e determinará as normas e o procedimento a que se deve subordinar para o desempenho da sua missão. Ainda que, por qualquer mo-

ARTICULO V

La Comisión Permanente se constituirá en la ciudad de Montevidéo dentro de los tres mezes despues de haber sido convocada y determinará las reglas de procedimiento a que deba ajustar-se en el cumplimiento de su misión. Cuando por cualquiera causa

tivo, a dita Commissão deixe de se reunir uma vez decorridos os tres mezes, ella se considerará constituida para o effeito dos prazos estabelecidos no presente artigo. As Altas Partes Contractantes fornecerão todos os antecedentes e todas as informações necessarias ao exame. A Commissão deverá apresentar o seu parecer dentro de um anno a contar da data da sua constituição. Caso o exame não tenha podido ser concluido ou o parecer redigido, dentro do prazo fixado, poderá este ser prorogado por mais seis mezes, si nisso convierem as Altas Partes Contractantes.

ARTIGO VI

Submettido o parecer aos respectivos Governos ou não havendo elle sido produzido dentro dos prazos estipulados, as Altas Partes Contractantes recuperarão toda liberdade de acção para proceder como melhor convier aos seus in-

dicha Comisión no pudiera reunirse, una vez transcurridos los tres meses se la considerará constituida para el efecto de los plazos que establece el presente Artículo. Las Altas Partes Contractantes suministrarán los antecedentes é informaciones necesarias para la investigación. La Comisión deberá presentar su informe antes de un año a contar desde la fecha de su constitución. Si non hubiera podido completarse la investigación in redactarse el informe dentro del término fijado podrá ampliarse por seis meses más el plazo establecido siempre que estuvieran de acuerdo a este respecto las Altas Partes Contractantes.

ARTICULO VI

Sometido el informe a los respectivos Gobiernos ó no habiendose este producido dentro de los términos estipulados, las Altas Partes Contractantes recuperarán toda su libertad de acción para proceder como crean conve-

teresses sobre o assumpto em exame. niente a sus intereses en el asunto de la investigación.

ARTIGO VII

O presente Tratado será ratificado e as ratificações trocadas no Rio de Janeiro, no mais breve prazo possível, e vigorará até um anno depois da data da denuncia por qualquer das Altas Partes Contractantes.

Em fé do que, os Plenipotenciarios acima nomeados, firmamos o presente instrumento em tres exemplares, cada um delles nas linguas hespanhola e portugueza, sellando-os com os nossos sellos.

Feito na cidade de Buenos Aires, aos vinte e cinco dias do mez de Maio do anno de mil novecentos e quinze.

(L. S.) LAURO MÜLLER.

(L. S.) JOSÉ LUIS MURATURE.

(L. S.) ALEJANDRO LIRA.

ARTICULO VII

El presente Tratado será ratificado y las ratificaciones canjeadas en Rio de Janeiro tan pronto como sea posible. Estará en vigor hasta un año despues de haber sido denunciado por cualquiera de las Altas Partes Contractantes.

En fé de lo cual, los Plenipotenciarios arriba nombrados, firmamos el presente instrumento en tres ejemplares, cada uno en las lenguas castellaña y portuguesa, sellándolos com nuestros sellos.

Fecho en la ciudad de Buenos Aires a los veinticinco dias del mes de Mayo del año de mil novecientos quince.

(L. S.) LAURO MÜLLER.

(L. S.) JOSÉ LUIS MURATURE.

(L. S.) ALEJANDRO LIRA.

E' cópia conforme o original. Secretaria de Estado das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, 23 de Junho de 1915. -- O sub-secretario de Estado. *Frederico Affonso de Carvalho.*



INDICE

	Pags.
I — Directriz secular.	11
II — A obra de Rio-Branco	15
III — O momento internacional e o A. B. C.	19
IV — A fórmula continental	23
V — A diplomacia brasileira e a intervenção no Mexico	27
VI — O perigo americano e a doutrina de Mourão	33
VII — O imperialismo <i>Yankee</i>	39
VIII — A anexação do Hawai	43
IX — A questão de Samoa.	47
X — O Extremo Oriente e o canal do Panamá.	51
XI — Cuba.	57
XII — A questão mexicana	69
XIII — Brazil e Estados-Unidos.	83
XIV — Conclusão.	89
Appendice	91
Bibliographia	103

BIBLIOGRAPHIA

DO MESMO AUTOR:

Selva — poesias — Maranhão — 1887 — (esgotado)	\$
Transformação do Trabalho — Maranhão — (1888)	2\$000
Pela Paz — poemeto — Rio de Janeiro — 1895	1\$000
Cartas de um Sebastianista — satyras — Rio de Janeiro — 1895 — (esgotado)	20\$000
Memórias de um Historico — 2 volumes — Rio de Janeiro — 1895- 1896 — (esgotado)	20\$000
Papá Basílio — romance — 1897 — Rio de Janeiro — (esgotado)	10\$000
Institutos Equiparados — 1 volume — Rio de Janeiro — 1904	5\$000
Exames Geraes de Preparatorios — 1 volume — Rio de Janeiro — 1904	3\$000
Ensino Superior e Faculdades Livres — Rio de Janeiro — 1905	5\$000
Actas e Actos do Governo Provisorio — 1 grosso volume — Rio de Ja- neiro — 1907	15\$000
Necrologio Politico do Dr. Benedicto Leite — Maranhão — 1909	1\$000
Tratados de Commercio e Navegação do Brazil — Rio de Janeiro — 1909	10\$000
A Lagoa Mirim e o Barão do Rio Branco. — Rio de Janeiro — 1910	5\$000
Límites com o Perú — 1 volume com anotações do Barão do Rio Branco — Rio de Janeiro — 1910 — (esgotado)	20\$000
O Guarda da Alfandega na Legislação Aduaneira — Santos — 1910	2\$000
Reforma da Justiça Militar — Rio de Janeiro — 1910 — (esgotado)	10\$000
O Rio Branco — Defeza de seus actos — 1 volume — Rio de Janeiro — 1911	5\$000
O Brazil e o Arbitramento — Rio de Janeiro — 1911	3\$000

O maior dos Brasileiros — Necrologio politico e defeza posthuma do Barão do Rio Branco — Rio de Janeiro — 1912.....	2\$000
Pela Itália — Impressões de viagem — Barcelona — 1913	3\$000
Lourdes — Conferencia feita em Santos — Rio de Janeiro — 1914 — (esgotada)	2\$000
A conflagração européa e suas causas — Discursos sobre a Allemanha — 1915 — decima edição	3\$000
Em torno de um discurso — Entrevista com o «Commercio de S. Paulo» — 1914	1\$000
A Revolta da Armada e a Revolução Rio-Grandense — Correspondencia entre Saldanha da Gama e Silveira Martins — 2 volumes — Rio de Janeiro — 1915	12\$000
A Administração da Republica e a obra financeira do Dr. Rodrigues Alves — (1915)	2\$000
A expansão economica e o commercio exterior do Brazil — (1915)...	3\$000
Brazil and the Monróe Doctrine — (Memoria apresentada ao Segundo Congresso Scientifico Pan Americano, em Washington — (1915).	5\$000
O A. B. C. e a Politica Americana — (1915.....	3\$000

A SAHIR DO PRÉLO:

- A Presidencia Rodrigues Alves — 1 vol.
 Governos e Congressos da Republica — (1889 a 1915) — 2 vols.
 O Golpe de Estado — (actas e actos do Governo Lucena) — 1 vol.

A SEGUIR:

- Hespanha e Cote D'Azur — 1 vol.
 Lourdes e Cote D'Argent — 1 vol.
 Cockrane e Garcia de Abranches — 1 vol.
 Rio Branco intimo — 1 vol.
 Le Bresil et L'Arbitrage — 1 vol.
 Da Europa — cartas abertas — 1 vol.
 Trabalhos Parlamentares — 4 vols.
 O Tratado de Bogotá — 1 vol.
 Diplomacia e Tratados do Brazil — 4 vols.
 Historia Parlamentar do Brazil —
 Governos e Congressos do Estado de S. Paulo — 2 vols.
 O 10 de Abril — 1 vol.
 O Livro Negro — (historia da seisão do partido republicano federal) — 1 vol.
 O Livro Verde — (historia do partido do dr. Prudente de Moraes) — 1 vol.
 O Livro Branco — (Da Concentração á presidencia Rodrigues Alves) — 1 vol.
 O Evangelho da Republica — 1 vol.
 A Crise Social — (retrospecto politico do seculo XIX) — 1 vol.
 A Crise da Republica — 1 vol.
 Chronicas Politicas — 1 vol.
 Cartas a Babagas — 1 vol.
 Selva — poesias — (2ª edição).
 Critica de Arte — 1 vol.

- Em Prosa e Verso — (satyras e folhetins) — 1 vol.
 Sertanejas — critica de arte — 1 vol.
 Criticas Litterarias — 1 vol.
 Aspides — satyras em verso — 1 vol.
 Contos e Phantasias — 1 vol.
 Dialogos dos Mortos — (imitação de Luciano) — 1 vol.
 O Mundo Biologico — preleções terminaes do curso de sciencias naturaes —
 1 vol.

Todos os pedidos relativos a estas obras, que não se encontram nas livrarias desta capital devem ser enviados directamente a Dunshee de Abran- ches — Rio de Janeiro, ou a Almeida Marques & C., na rua da Quitanda. 58-Rio.

DEPOSITOS NOS ESTADOS:

- S. Paulo — Rpttschild & Comp. — Rua 15 de Novembro, 29.
 Bahia — Livraria dos Dois Mundos.
 Recife — Livraria Contemporanea.
 Maranhão — Revista do Norte.
 Pará — Alvaro Pires (representante).
 Manaus — João Brigido (representante).
 Rio Grande do Sul — Echenique & Comp. (Pelotas, Rio Grande e Porto-Alegre).

